O livreto apresenta reflexões produzidas nos primeiros meses de 2020 no contexto da pandemia do vírus Sars-Cov-2 sobre o impacto que o isolamento social decorrente da globalização do vírus ocasionou. Sabemos que não estamos no mesmo barco pois os benefícios e os malefícios da pandemia são desigualmente distribuídos, assim como a injustiça ambiental e a injustiça climática decorrentes do modo de produzir capitalista, persistente há 200 anos. A COVID-19, conforme estudos pregressos e recentes, não é a primeira doença decorrente da transferência do vírus de animais para humanos nas últimas décadas. Apesar de não ser a primeira experiência desse tipo, é distinta por seu impacto global. Não é mera coincidência que os grupos sociais mais prejudicados historicamente pela extração da mais-valia são os mais suscetíveis ao risco de contaminações, no entanto, nesse caso, destaca-se o especial impacto causado nos setores urbanos, sobretudo no âmbito dos serviços. A ação privatista e o sucateamento gerado pelo capitalismo neoliberal das últimas décadas contribuíram para destruir os sistemas públicos de saúde e de assistência social, agravando as dificuldades de construir um enfrentamento qualificado da pandemia. A pandemia evidencia as contradições do capitalismo – ou seja, da sua imposição enquanto concebido sobre o vivido -, abrindo espaço para o pensar no isolamento, desde as desigualdades aos privilégios, até mesmo em um outro "mundo possível", para todos e todas no pós-pandemia. Ou seja, a partir do vivido e dos problemas do concreto, do real relacional e do conflitivo, pensar o educar quanto aos seus conteúdos e às utopias a serem produzidas coletivamente. Como sugestão e provocação, propomos que a nova sociedade pós-pandemia, que deveremos construir coletivamente, seja pensada de forma autogestionada, pois, só assim, poderá ser ecossocialista.

ISBN 978-658662021-4

Machado, Machado, Tortelli e Camargo

AÇÃO DOS OPRIMIDOS CONTRA O VÍRUS CAPITALISTA

AÇÃO DOS OPRIMIDOS CONTRA O VÍRUS CAPITALISTA

reflexões desde o vivido

Carlos R. S. Machado | Tainara F. Machado
Guilherme K. Tortelli | João Camargo

LUTAS ANTICAPITAL

AÇÃO DOS OPRIMIDOS CONTRA O VÍRUS CAPITALISTA:
reflexões desde o vivido

Carlos R. S. Machado
Tainara F. Machado
Guilherme K. Tortelli
João Camargo

Carlos R. S. Machado
Tainara F. Machado
Guilherme K. Tortelli
João Camargo

AÇÃO DOS OPRIMIDOS CONTRA O VÍRUS CAPITALISTA:
reflexões desde o vivido

1ª edição
LUTAS ANTICAPITAL
Marília -2020

Editora LUTAS ANTICAPITAL

Editor: Julio Hideyshi Okumura
Conselho Editorial: Andrés Ruggeri (Universidad de Buenos Aires - Argentina), Bruna Vasconcellos (UFABC), Candido Giraldez Vieitez (UNESP), Dario Azzellini (Cornell University – Estados Unidos), Édi Benini (UFT), Fabiana de Cássia Rodrigues (UNICAMP), Henrique Tahan Novaes (UNESP), Julio Cesar Torres (UNESP), Lais Fraga (UNICAMP), Mariana da Rocha Corrêa Silva, Maurício Sardá de Faria (UFRPE), Neusa Maria Dal Ri (UNESP), Paulo Alves de Lima Filho (FATEC), Renato Dagnino (UNICAMP), Rogério Fernandes Macedo (UFVJM), Tania Brabo (UNESP).

Projeto Gráfico e Diagramação: Mariana da Rocha Corrêa Silva e Renata Tahan Novaes
Capa: Mariana da Rocha Corrêa Silva
Impressão: Renovagraf

Machado, Carlos R. S.
M149a Ação dos oprimidos contra o vírus capitalista: reflexões desde o vivido / Carlos R. S. Machado et al. Marília : Lutas Anticapital, 2020.
169 p. - Inclui bibliografia
ISBN 978-65-86620-21-4
1. Capitalismo. 2. Socialismo. 3. Educação. 4. Pandemias. 5. Ecologia política. I. Machado, Tainara F. II. Tortelli, Guilherme K. III. Camargo, João. IV. Título.

CDD 335.4

Ficha elaborada por André Sávio Craveiro Bueno CBR 8/8211. FFC – UNESP – Marília

1ª edição – agosto de 2020
Editora Lutas Anticapital
Marília –SP
editora@lutasanticapital.com.br
www.lutasanticapital.com.br

Prefácio.....7

Apresentação
Ivonaldo Leite.....13

Introdução
Guilherme Tortelli.....19

O Vírus, as injustiças e a crise/superação do capitalismo: reflexões desde o vivido na quarentena
Carlos R. S. Machado.....27

Os conflitos na centralidade dos processos educativos
Carlos R. S. Machado e Tainara F. Machado....99

Ecossocialismo, uma ideia cujo tempo chegou
João Camargo.....131

Referências.....143

PREFÁCIO

Como se o véu de ilusão, mantido pelo capitalismo e suas epistemologias dominantes, caísse inesperadamente, expondo publicamente toda sua fragilidade e crueldade.
Portanto, não existe volta à normalidade, pois a pandemia evidenciou a anormalidade do normal e, portanto, abriu uma brecha para a reinvenção de nossa perspectiva e ação frente ao mundo vivido.

Bruno Moraes,
Educador e servidor do
Instituto Federal Educação/Brasil

E eis que a humanidade se vê frente a uma nova crise, crise sanitária, que desorientou a "normalidade" sócio política econômica e cultural do mundo capitalista.
E a guerra cega contra um inimigo desconhecido, improvável e invisível fez emergir uma "nova normalidade".

O certo é que todos querem é saber quando
tudo voltará ao normal...
E a questão é:...
qual normal??!!!...
aquele eterno e redundante mais do mesmo,
da insustentável exploração sem fim da
natureza,
do ser humano invisível, da desigualdade e da
injustiça socioambiental pelo lucro, em nome
do desenvolvimento e do progresso?
Qual legado decorrerá da Pandemia do Corona
Vírus para a sobrevivência do cidadão comum
do século XXI?

Daniela Pieper,
Doutoranda Educação Ambiental,
Servidora pública da Universidade Federal de Pelotas
(UFpel/Brasil)

Aprenderemos ou não,
mas certamente a pandemia provocada pelo
covid 19 fará a humanidade repensar o modelo
de vida, pois nosso modo de vida individualista
e predatório é extremamente precário para
enfrentar situações como essa da pandemia.

Só existe saída num modelo solidário, justo e igualitário, onde nos territórios haja ações coletivas de proteção aos mais vulneráveis. Isso é o mínimo que devemos aprender.

***Renato Guimarães e colaboradores*,**
Comunidade Bom Jesus de Porto Alegre

Aprender de la EA crítica y transformadora para crear nuevas utopías, donde se corren las fronteras, y se podría ir aún más lejos, apostando a una red de Observatórios Socioambientales en Escuelas Rurales en todo el país, pensado en un gran agrupamiento país, donde sean las propias comunidades que definan caules son los problemas o conflitos ambientales, latentes y emergentes, y protagonicen las discusiones que les pertenecen.
Los Observatórios Socioambientales, como utopías, buscarían en nuestro mundo ideal que en ellos se cuestione lo establecido,
se propongan nuevos sistemas de gestión de los territorios, donde se aprenda lo que se quiere y necesita, y no lo que está establecido.
Que sea un espacio donde florezcan políticas públicas

pensadas por los niñxs - seguro tienen ideas más creativas – además con las maestras y la comunidad, para las Escuelas Rurales sigan siendo las trincheras en una ruralidad en extinción.

Solana Gonzales Pensado
Professora da Universidad de La República/Udelar

A Pandemia desvela aos olhos de todos
a imensa desigualdade social (ambiental) com a qual convivemos.
E, também, escancara os imensos privilégios de alguns.
Assim, esse momento tem sido importante para que possa refletir sobre os meus privilégios e pensar sobre a sociedade que queremos.
Como construir uma sociedade diferente como menos desigualdade social?
Essa pergunta me acompanha em diversos momentos desse período de isolamento social.

Caio Floriano dos Santos,
Doutor em Educação Ambiental,
Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG)

Aos amigos, amigas
e companheiros, e companheiras
da Universidad Central Marta Abreu de Las
Villas/Cuba, Universidad de La
República/Uruguay, da Universidade do
Porto/Portugal e da Universidade Federal do
Rio Grande/Brasil/FURG!

Plaza de Santa Clara - Cuba,
Foto: Carlos Machado, 2019.

APRESENTAÇÃO

Ivonaldo Leite[1]

Uma atenta análise da história moderna necessariamente terá de colocar em realce que formações sociais marcadas por grande heterogeneidade tecnológica, desigualdades na produtividade do trabalho entre áreas urbanas e rurais, uma proporção relativamente estável da população vivendo ao nível de subsistência, crescente subemprego, ou seja, as denominadas economias subdesenvolvidas estão estreitamente vinculadas à forma como o capitalismo industrial cresceu e se difundiu pelo mundo.

Quer isso dizer, tendo em conta a economia internacional em perspectiva histórica, em sua totalidade, que se pode captar a sua estruturação concreta e a sua configuração assimétrica. Ficamos a saber assim, por exemplo, que o subdesenvolvimento é resultado da "combinação de variáveis induzidas", e não uma etapa pela qual inevitavelmente tenham

[1] Professor e pesquisador na Universidade Federal da Paraíba/Brasil.

passado os países que alcançaram "um patamar superior" de desenvolvimento. Celso Furtado percebeu isso bem, e assim enfatizou que o subdesenvolvimento era uma "deformação estrutural a ser corrigida".[2]

Na compreensão furtadiana, para se fazer essa correção, a aposta deveria ser na industrialização. Ela seria o mecanismo para enfrentar e superar o subdesenvolvimento. Isto porque, entendia Furtado, com a industrialização, por um lado, cortava-se o 'nó górdio' da relação que deteriorava continuamente os preços de intercâmbio, pois supunha que se os países subdesenvolvidos passassem a exportar produztos manufaturados, ao invés de bens primários, a relação de intercâmbio seria modificada favoravelmente a eles; e por outro lado, poria fim à *inflação estrutural* advinda da insuficiente dinâmica do setor externo, decorrente precisamente da relação de intercâmbio desfavorável.

Por outra parte, nesse esquema analítico, perante a questão da oposição entre o setor "moderno" e o setor "atrasado", que debilita o mercado interno e gera uma inflação de custos e preços desfavorável à expansão do setor "moderno" (que passaria a ser a indústria),

---

[2] FURTADO, Celso. *Os ares do mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 154.

propunha-se a reforma agrária com o propósito de que ela, ao mesmo tempo que aumentasse a oferta de alimentos, criasse o mercado interno, *desbloqueando* a acumulação, no sentido de viabilizar a industrialização.

A coordenação da implementação da industrialização caberia ao Estado, um Estado-planejador, que deveria levar a cabo um programa assente em postulados como 'sadio protecionismo', 'política adequada' de alocação de recursos estrangeiros, substituição das importações, ampliação da capacidade de consumo interno, etc. Como está evidente, a adoção desse programa demanda a estruturação de uma agenda, passo a passo, em sintonia com a cadeia que corporifica o processo de industrialização, tendo em atenção a devida gradação dos bens econômicos, assim como considerando, ainda, os necessários mecanismos de controle de capitais. Trata-se de um programa comprometido com a causa da justiça social.

Contudo, mesmo que, em retrospecto histórico, se deva reconhecer os méritos dessa perspectiva, contemporaneamente, diante das novas reconfigurações do capitalismo, dos novos fenômenos que perpassam o sistema-mundo, das questões em torno da natureza/sociedade e da crise socioambiental, ela se apresenta

limitada como via de busca de um outro tipo de desenvolvimento, na senda de um projeto societal alternativo.

Como o próprio Celso Furtado chegou a reconhecer em suas últimas intervenções[3], o processo global de desenvolvimento tem um considerável custo ecológico. A civilização industrial, o modelo de vida que ela engendrou e a acumulação de capital têm um incomensurável ônus ambiental para toda a humanidade, pondo-a em risco. Se não houver uma mudança de perspectiva e de rumo, o que se vislumbra é uma catástrofe planetária. Frente a isso, no entanto, o sistema-mundo capitalista, mesmo vivendo dilemas estruturais, como apontou Wallerstein[4], busca se reproduzir e se manter, e neste sentido procura reconfigurar o seu *modus operandi*, até quando se depara com um evento que lhe tem grande impacto, como a pandemia da covid-19.

É imperativo, portanto, trilhar uma senda contra-hegemônica, no sentido de estruturar bases para um projeto sócio-político alternativo. As abordagens deste livro se inscrevem nesta perspectiva. Seja tendo em

---

[3] FURTADO, Celso. *Em busca de novo modelo*: Reflexões sobre a crise contemporânea. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

[4] WALLERSTEIN, Immanuel. Structural crises. *New Left Review*, nº 62, p. 133-142, Mar-Abr 2010.

conta ‘os conflitos no centro dos processos educativos’, seja tratando da ‘pandemia da covid-19 e das injustiças’, desenvolve-se uma *démarche* que, ao mesmo tempo que tem em vista cumprir os seus propósitos analíticos, firma compromisso com uma utopia da ‘democracia sem fim’. É paradigmático a esse respeito a seguinte afirmação contida no texto sobre os conflitos no centro dos processos educativos:

> [...] a construção de espaços de autogestão no espaço educativo, nos espaços de produção, e dos territórios deveria fazer parte da discussão das políticas e da gestão das cidades.

O leitor tem em mãos, portanto, um livro que, à maneira dialética, busca construir quadros de inteligibilidade para orientar a ação e intervir na realidade enfrentando as questões que a prática coloca como desafio.

INTRODUÇÃO

Guilherme Tortelli[5]

O vírus SARS-Cov-2, responsável pelo Covid-19, mudou a realidade da vida humana de forma ampla e acelerada. Dos primeiros casos reportados, em janeiro de 2020[6], até a definição da pandemia, em 13 de março, potencialmente toda a população mundial se viu sob uma nova suspeição. Contudo, apesar dos riscos generalizados, eles são distribuídos de forma desigual entre os países e dentro da população dos países.

Trata-se de uma doença que afeta com mais intensidade os centros urbanos e dentro desses, o setor de serviços. Importa notar que o crescimento desse setor está relacionado com as transformações do capitalismo nas últimas

[5] Mestrando em História, Relações Internacionais e Cooperação – Univerisdade do Porto/Portugal, Licenciado em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

[6] Segundo informações apresentadas pela Organização Mundial da Saúde em publicação de 17/06. Ver: https://www.who.int/emergencies/ diseases/novel-coronavirus-2019/events-as-they-happen. Acesso em 29/06/2020.

décadas, tendo uma vinculação direta com o avanço do neoliberalismo, especialmente sobre o trabalho. Segundo dados fornecidos pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), os trabalhadores dos serviços representam mais da metade da força de trabalho mundial desde 2019[7]. Além disso, a pandemia afeta a oferta e, sobretudo, a demanda dos produtos e serviços. Por essas razões, talvez possamos estar vivendo em uma das mais agudas crises do capitalismo. As crises, no entanto, não são uma novidade do capitalismo e não significam, necessariamente, o prenúncio do surgimento de sociedades pós-capitalistas, de modo que as disputas das narrativas se fazem ainda mais fundamentais.

Viviane Forrester, já em 1996[8], percebia que a crise era um modo de existência do capitalismo, que se "mutava" para se manter: "Em que sonho somos mantidos, entretidos com crises, ao fim das quais sairíamos do pesadelo? Quando tomaremos consciência de que não há crise, nem crises, mas mutação?".

---

[7] Ver mais em: https://data.worldbank.org/indicator/SL.SRV.EMPL.ZS. Acesso em 29/06/2020.

[8] Forrester, Viviane. O horror econômico. (1997) Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Paulista.

Por sua vez, Naomi Klein[9] lembra que Milton Friedman, no prefácio de 1982 do livro Capitalismo e Liberdade, afirma: "Only a crisis—actual or perceived—produces real change. When that crisis occurs, the actions that are taken depend on the ideas that are lying around"[10]. Friedman é reconhecido como um dos principais idealizadores do neoliberalismo, que, desde a Sociedade Mont-Pelerin, reforça a importância da disputa de instrumentos ideológicos e controle das narrativas sociais. Portanto, a crise abre um horizonte histórico de confrontos para suspender ou confirmar a expansão da racionalidade neoliberal.

Um fator fundamental desse processo é a globalização. Esse é um fenômeno que, sobretudo em países periféricos como o Brasil, tem grandes vinculações com a consolidação do neoliberalismo. Assim sendo, normalmente é discutido como um fenômeno posterior ao Consenso de Washington, de 1989. Trata-se de uma correlação coerente, pois a doutrina de

---

[9] Ver mais em: https://www.democracynow.org/2020/3/19/naomi_klein_coronavirus_capitalism. Acesso em 29/06/2020.

[10] Tradução livre realizada pelo autor: Apenas uma crise - atual ou percebida - produz mudanças reais. Quando essa crise ocorre, as ações que são tomadas dependem das ideias que estão à disposição.

choque neoliberal significou a abertura definitiva do país às empresas multinacionais e ao capital financeiro. Como bem observou Milton Santos (2008)[11], a globalização está marcada por contundentes contradições e violências de caráter antidemocrático. Isso era visível em seu tempo e continua sendo visível no nosso. Os capitais e capitalistas continuam desfrutando da liberdade de deslocamento praticamente ilimitada enquanto grandes contingentes de indivíduos se encontram barrados por fronteiras ou limitados à categoria de refugiados. Os esquemas dos paraísos fiscais, em parte expostos pelo documentário dos *Panamá Papers*[12], são bastante ilustrativos dos amplos poderes do capital para burlar fronteiras. No contexto da pandemia, pode-se ver que os primeiros afetados pela doença foram as parcelas da elite nacional que se encontravam realizando viagens internacionais.

Essa forma de globalização e o neoliberalismo constituíam importantes pilares

---

[11] Santos, Milton (2008). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Record.

[12] Ver mais em: https://www.theguardian.com/news/2016/apr/03/the-panama-papers-how-the-worlds-rich-and-famous-hide-their-money-offshore. Acesso em 29/06/2020.

daquilo que era considerado normal, para o qual se busca voltar no pós-pandemia. Ocorre que o normal é apenas a consolidação da narrativa a partir de uma perspectiva ideológica. O normal é o produto perfeito de uma certa hegemonia. Trata-se, portanto, do resultado de um complexo jogo de forças que consolidou determinadas formas de ser, viver e trabalhar como mais aceitáveis do que outras. A crise, por sua vez, pode significar a abertura de uma fissura no monolito neoliberal. Essa fissura é mais profunda e sentida do que a gerada pela crise financeira de 2008, pois é mais facilmente perceptível. Assim, podemos estar vivendo um período em que algumas facetas sociais são reveladas e em que a consciência política pode ser levada a questionar velhas e novas formas de normalidade.

Assim, pensar o neoliberalismo de uma forma ampla e sua relação com a globalização se faz necessário para a construção de alternativas. A compreensão das histórias e espacialidades de cada sociedade passa pela percepção do lugar que se ocupa no mundo. Os setores sociais e geográficos marginalizados devem contar suas histórias para desnaturalizar as normalidades construídas por narrativas hegemônicas.

Tal destaque é fundamental para que a compreensão do sistema capitalista seja feita em

sua totalidade, o que revela a existência de injustiças e violências estruturais. A desigualdade, as injustiças sociais e ambientais, a questão climática devem ser expostas, assim como deve ser quebrado o pedestal que sustenta a compreensão da economia como sacrossanta. A humanização e, consequentemente, a politização das relações se fazem necessárias para a superação das crises que se fazem cotidianas.

O local e o global já se encontram em muito interligados, de modo que cabe se aproveitar dessas ligações para ressaltar as experiências e esforços anticapitalistas. Algumas ações foram tomadas nos últimos tempos nesse sentido. Lembremos que o ano de 2019 foi marcado por uma série de manifestações mundiais que tinham a desigualdade como um dos principais alvos[13]. Ainda, os protestos pelo clima que também marcaram aquele ano. Uma disseminação ainda mais evidente pode ser observada com a série de manifestações antirracistas que decorreram do brutal assassinato de um homem negro pela força

---

[13] Ver mais em: https://www.bbc.com/news/world-50123743; Ver também: https://theconversation.com/2019-was-a-year-of-global-unrest-spurred-by-nager-at-rising-inequality-and-2020-is-likely-to-be-worse-128384. Acesso em 10/06/2020.

policial estadunidense. No mundo do trabalho, pode-se observar a criação de uma central sindical internacional e a orientação da OIT, por seu Diretor Geral, para enfrentar a exploração perpetrada pelas cadeias de produção das multinacionais[14].

Que a percepção das contradições do sistema e da insustentabilidade das normalidades que ele nos impõe sejam vistas como a condição para a criação de parcerias entre os setores excluídos e marginalizados. Que a iniciativa volte a ser dessas forças, que podem tensionar as estreitas e asfixiantes amarras impostas pelo neoliberalismo.

---

[14] Ver mais em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_490216/lang--pt/index.htm. Acesso em 29/06/2020.

O VÍRUS, AS INJUSTIÇAS E A CRISE/SUPERAÇÃO DO CAPITALISMO: REFLEXÕES DESDE O VIVIDO NA QUARENTENA

Carlos R. S. Machado[15]

Introdução

Nunca, num tempo tão curto e rápido, os fundamentos (o concebido) dominante/ hegemônicos, em sua relação com vivido das/e nas relações sociais, e, portanto, as explicações/ justificações dos estrategistas do sistema-mundo globalizado e financeirizado capitalista, se mostraram tão evidentes em sua contradição. O abalo sísmico é de tamanha dimensão que está colocando em debate a própria existência do sistema capitalista no pós-pandemia, ou pelo menos seus fundamentos, como os conhecemos até então. O evento pandêmico causou um

[15] Professor e doutor em educação, pesquisador no programa de pós-graduação em educação ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Brasil; do Observatório dos Conflitos do extremo sul do Brasil.

impacto maior do que as revoluções francesa, russa, cubana, chinesa, etc. que, além de mundial e global, impactou nos concebidos e vividos vigente.

O domínio da razão sobre o coração, do pensar sobre o viver, da cabeça sobre o corpo e as subjetividades humanas, que começou a ser gestado a partir das invasões da América Latina em 1492 (e no Brasil em 1500), que se impôs como instituído dominante, entrou em crise e é o foco desta reflexão. E por um vírus!

O sismo ainda não terminou, bem como seu desenlace. Vivemos o momento em que ele está a ocorrer, e análises apuradas (ou apressadas?) tiveram que ser corrigidas de imediato (ver Slavoj Zizek, Giorgio Agamben recentemente, conforme Santos, 2020), diante das mudanças rápidas que o vírus vem causando. Passados mais de três meses[16], quebras de empresas, desemprego em massa, mortes no país mais desenvolvido do capitalismo, crescimento do fascismo neoliberal nos EUA, com mais de 50 mil mortes no Brasil (fim junho 2020). E a fúria de empresas e de governos municipais, estaduais, do presidente brasileiro e seu ministro da economia, para

[16] Meados de junho de 2020.

retornarmos, o quanto antes, ao tido normal! Assim também chamada pela imprensa!

A velocidade da expansão do vírus, associado ao isolamento social, às injustiças e/ou medo (de ser contaminado e morrer!), obrigou muitos pensadores (que concebem, produzem reflexões!), aqui utilizados, a incluir seus vividos cotidianos em suas narrativas, ao mesmo tempo, diria que emergiu, em muitas narrativas, que o normal dos concebidos é anormal nos vividos das maiorias dos seres humanos e ao planeta. E, isso, se colocou em questão a relação desses concebidos com seus vividos, ou seja, de que o que se concebe não está (e não pode!) estar ou ser separado do viver concreto, dos vividos, pois, se 1/3 dos humanos está em isolamento, outros 2/3 terços estão sob o jugo do mundo real de injustiça e desigualdade. E o sustentar o modo de vida daqueles 1/3 é que estão causando catástrofes ambientais, climáticas e as pandemias devido a destruição dos ecossistemas no planeta.

No entanto, uma parte dos 2/3 da população mundial, que não está confinada e não teve outra alternativa para sobreviver (senão colocar sua vida e de seus familiares em risco),

tem que ir a suas “mierdas de trabajos”[17]; outros milhões não tem renda (outros foram demitidos por causa da pandemia!), outros não tem casa ou condições de vida e de saúde pública, caso necessitem, milhões vivem em áreas e regiões degradadas, onde as próprias condições de vida os estão matando, mesmo sem vírus. Disso, então, são os concebidos daqueles 1/3 que estão em isolamento [ou esteve] que se impõem sobre estes 2/3, e, portanto, devemos considerar esse desigual vivido pelo conjunto dos humanos neste planeta, e de que, para as maiorias, é injusto, desigual, miserável; e de que nossa melhor posição e condição exige incluí-los no mundo pós pandemia, em melhores condições do que viviam no normal de antes! É mais do que uma questão racional, é uma questão ética, humana, de solidariedade e de justiça no sentido mais amplo dessas palavras!

---

17 As “mierdas de trabajo” (Graeber, 2015) são àqueles mal remunerados, em condições insalubres, pouco valorizados, mas imprescindíveis (cuidadores, limpadores de casas, motoristas, profissionais de saúde, etc.); ao contrário, os “trabalhos de merda” são aqueles trabalhos inúteis, burocráticos e criados para ocupar as pessoas na gestão do capital, na sua segurança, nos escritórios e bancos, nos serviços inúteis criados e não criam ou produzem nada, etc. mas que são os que tem melhor remuneração.

Nos anos 1970, Henri Lefebvre afirmou que "o grande capitalismo", de então, "transformou [a cultura, lazer, quotidiano, desenvolvimento, etc., nosso] da sociedade apropriando-os para seu uso"; e disso, através do espaço, "produziu setores novos, transformado o que preexistia". Nesse rumo, "não é apenas toda a sociedade que se torna o lugar da reprodução das relações sociais de produção, e não já apenas dos meios de produção, mas é todo o espaço" que é apropriado e transformado.

Por outro lado, o "espaço social natural é destruído e transformado num produto social pelo conjunto das técnicas, desde a física à informática" (LEFEBVRE, 1970, p. 247; 2002, 2019; (BERNARDO, conforme ANTUNES, 2009)[18], como parte da continuidade do sistema que se globalizava, bem como a própria exploração da natureza que já mostrava indícios destrutivos na época[19].

---

[18] No mesmo sentido, é o que defende João Bernardo (2009), onde "concebe o modo de produção e suas forças produtivas como relações sociais capitalistas fundadas na exploração da força de trabalho e na extração da mais-valia. São as relações sociais de produção capitalistas que plasmam as forças produtivas e não o contrário" (Ricardo Antunes, p.14, apresentação).

[19] Lefebvre (2002) afirma que não é somente nos processos de extração de mais valia que *se produz e re-*

Portanto, inspirado no autor, afirmo que se colocou, na ordem do dia, a questão da necessidade do debate dos fundamentos (concebidos), que justificam a relação do sistema hegemônico com a natureza (meio ambiente), disso da nossa (enquanto sociedade) e individualidade em tal relação, e de como tal fundamento (concebido) se impõe sobre os vividos de cada um/a e de todos/as. E, em alternativa, como provocação de que a superação/transformação/revolução de tais relações são necessárias e urgentes, mas, para tanto, deveremos articular desde os vividos, sobrepondo-os aos concebidos e ambos nas relações que estabelecemos como humanos, assim como com os não-humanos (MACHADO, 2018a, 2018b). E disso, proponho desenvolver e sustentar neste ensaio a seguinte hipótese:

> De que o que está (esteve?) em xeque com a pandemia é a produção e a reprodução dos concebidos hegemônicos que se impõem sobre os vividos de exploração, dominação e gestão de cada um e de todos e todas, nesse modo de produzir, distribuir e consumir em sua

---

produz as relações sociais de produção capitalista, mas em todo o espaço, inclusive se produz o próprio espaço. [CM].

relação com a natureza/meio ambiente que se chama sistema-mundo planetário atual.

Na *primeira parte*, apresento debates nas e das narrativas sobre a pandemia ao destacarem o futuro retorno ao normal, para afirmar que isso é um subterfúgio do que realmente propõem (daquele que concebe): o retorno ao normal, ao que existia antes da pandemia! Tal narrativa é expressão de um concebido que se articula/vincula ao modo de produção, de distribuição e consumo, tanto nos países capitalistas como nos socialistas, ou seja, no mundo que começou a emergir há 500 anos. É expressão da hegemonia, enquanto concebidos em sua versão liberal, iliberal e/ou financeirizada, que buscam eludir. Trataremos disso nesta parte do ensaio, somando-a a gravidade da crise desse sistema nos últimos 40 anos (sem controle).

Na *segunda parte*, discutirei seus desdobramentos no Brasil, em articulação ao que vivemos na América Latina, após a invasão em 1492; de sua evolução como modo de produção capitalista em gestação e como parte do sistema-mundo depois, e sua aceleração em seus ritmos produtivos, da vida e da destruição dos ecossistemas nos últimos 40 anos, pois sem alternativa em contraposição, depois do fim dos

socialismos na URSS e leste Europeu nos inícios dos anos 1990. Além de alguns aspectos da realidade e história brasileira que o colocaram como o país mais desigual do mundo, além de rumando para um fascismo neoliberal e destruidor do meio ambiente em plena pandemia.

Na *terceira parte*, discutirei o dito normal – ou seja, o anormal para as maiorias dos terráqueos. Apoiado em pesquisas que realizamos (MACHADO, SANTOS, ARAÚJO & PASSOS, 2013; MACHADO, MASCARELLO, SANTOS, 2015; MACHADO, SANTOS & BARCELLOS, 2018), sobre os conflitos urbanos e ambientais, bem como em outros/as pesquisadores brasileiros na Rede Brasileira de Justiça Ambiental[20]. Afirmaremos que a "degradação ambiental e desigualdade social têm a mesma raiz." (ACSELRAD et al., 2009, p. 108); injustas devido à imposição "desproporcional dos riscos ambientais às populações menos dotadas de recursos financeiros, políticos e informacionais"

---

[20] Sobre a Rede de Justiça Ambiental, Henri Acselrad e Justiça Ambiental, <https://redejusticaambiental.wordpress.com/>; <http://www.ippur.ufrj.br/index.php/pt-br/corpo-social/37-docentes/93-henri-acselrad>; <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2009000200012>. Acesso em: 02 mai. 2020.

(ACSELRAD et al., 2009, p. 09). Os conflitos, portanto, seriam um indicador de tal situação de injustiça, ao mesmo tempo representariam uma ruptura da hegemonia de harmonia e paz, que os instrumentos simbólicos dominantes produzem como o normal (MACHADO e MORAES, 2016), através da apologia da ordem, da verdade e do bem. No mesmo sentido, as alterações climáticas causam desigualdade e injustiça que pesquisadores (MANFRINATE; SATO e PAZOS, 2019; CAMARGO, 2018, 2019; SANTOS, 2019; MACHADO, GARCIA e MOURA, 2019) chamam de injustiça climática.

De forma semelhante, diríamos que o covid19 evidenciou, de forma explícita, global e sísmica, que todos serão ou poderão ser (se fala em 60% da população mundial) infectados/as pelo vírus, mas nem todos sofrerão [ou estão sofrendo] as mesmas consequências, e muitos nem estarão expostos ao vírus da mesma forma e condições sociais, econômicas e de saúde que outros/as. Isso fica evidente por quem mais está morrendo pelo vírus. Assim, tanto as injustiças ambientais, urbanas e climáticas como a pandemia do vírus não atingem, afetam, impactam e tem consequências iguais para todos

e todas as classes, grupos, pessoas e indivíduos do mundo[21].

Por fim, nossas considerações finais afirmam que o que virá depois será como antes, seja o normal de antes piorado, como novo normal, ou poderá ser diferente, a partir do que fizemos hoje para que isso aconteça. Nessa utopia e possibilidade que já começa, também deveremos repensar a cidade, a Universidade, enfim, nossos espaços de estar e fazer o mundo, mas desde os vividos de cada um e de todos e todas, e não desde abstrações e concebidos de ideais sem vínculo com o real relacional e desta com a natureza.

No específico de nossas pesquisas sobre os problemas e conflitos da/na cidade, deveremos incluir os problemas vividos nesses espaços, no momento do isolamento social, que ainda vivemos (junho 2020), na busca do direito à cidade, para todos e todas, como utopia. Portanto, a cidade não deverá ser para apenas o 1%, ou 1/3 dos terráqueos, mas sim para os 100% de seus habitantes, e, como tal, deverá ser "outra" cidade, não uma cidade da/e para a

---

[21] Os afro-americanos, latinos, os pobres são os que mais morrem em Nova York, El País, 09 abril 2020 ,<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-09/coronavirus-mata-mais-os-hispanicos-em-nova-york.html>.

mercadoria. A cidade dos direitos, ou o direito à cidade é parte da caminhada na produção de "outro mundo" impossível, que teremos que tornar possível desde já para que amanhã ela existe como realidade para todos e todas.

1. O problema principal é o vírus capitalista!

Afirmamos que são os fundamentos do sistema dominante, do e no sistema-mundo[22] globalizado e financeirizado[23], que estão sendo colocados em xeque; pois, se tal sistema acelerou-se nos últimos 40 anos[24], causando as

---

[22] Expressão criada por Immanuel Wallerstein (2007), a partir de suas pesquisas em obras 1974, 1980 e 1989, The Modern World-System, conforme Luiz Alberto Moniz Bandeira, apresentação de obra do autor; ver também Wallerstein (1988, 2004).

[23] Neste livro Wolfgang Streeck debruça-se a "crise financeira e orçamental do capitalismo democrático dos dias de hoje" (2013, p.11).

[24] Saskia Sassen diz que se produziu "formaciones depredadoras y complejas" que são uma "mezcla de lógica, decisiones informatizadas y velocidades" [...] "tanto a escala mundial como nacional", na qual, "los grandes duenos, empresas y gestores del capital influyen de manera determinante en el estado actual de las economias", mas, com a "incorporacion de diversos componentes de sistemas fundamentales en nuestras sociedades (...) desde la matemática de algoritmos hasta la ingeniaria avanzada" (2019,p.13; 2015).

injustiças ambientais e climáticas, é desde suas origens, há mais ou menos 528/520 anos, quando da invasão na América Latina, que vem se espalhando como sistema-mundo. Mas, os pensadores e jornalistas afinados aos interesses da bolsa contra a vida (GIMENO, 2020), que associo aos interesses dos senhores do mundo capitalista (CHOMSKI, 2016, 2018; SASSEN, 2015, 2019; BANDEIRA, 2016; ZAKARIA & FERGUSON, 2019; SOROMENHO-MARQUES, 2019; BECK, 2015), em seus diferentes aspectos – o financeirizado, o liberal e o iliberal – contra-atacam. Na Espanha,

> (...) los beneficiarios del modelo vigente han comenzado ya un duro combate para que nada cambie. Incluso, como pasó tras la crisis de 2008, para reforzar sus posiciones. No son gratuitos los fieros ataques de sus medios de comunicación y sus redes sociales a cualquier decisión del Gobierno. Se alaban medidas tomadas de corte autoritario y de recorte de libertades, se insinúan soluciones que equivalen a auténticos golpes de Estado, se apuesta por soluciones de beneficencia voluntaria frente a la garantía pública sufragada por los impuestos de todos, se utiliza con desparpajo la mentira y la calumnia. (GIMENO, 2020, s/p.

Em Portugal, um deles diz que a pandemia não é isso tudo, que nem o mundo vai acabar, nem que é só uma gripezinha (TAVARES, 2020) que, apesar de seu título usar a expressão "fim do mundo", não se refere a isso no artigo, mas como retórica implícita ao retorno ao normal, que é o capitalismo que recorrentemente afirma em sua arrogância contra a esquerda, os comunistas, universitários e democratas em Portugal. Outro, desde a Alemanha, onde está a estudar, diz que "o mundo muda enquanto dura a crise, mas pode voltar ao normal quando a vida voltar ao normal" (ZIBLAT, 2020); e um quarto, Branko Milanovic (2020) vai além, e, diante do avanço da China, lança a ideia de ser este nada mais nada menos do que capitalista, através de argumentos de que apenas 20% seria o poder do Estado sobre a economia, numa grosseira interpretação de Marx (MACHADO, 2018, 2019).

Uma constante nessas narrativas é que tentam sempre ficar no centro, que é na realidade em "cima do muro", entre aspas, pois é um discurso para seus leitores da classe média. Mas, também sempre há dois lados, os radicais: de um, a esquerda, e a extrema esquerda, os anarquistas, os auto-gestionários, seja qual for; e do outro lado, os radicais de direita, os terroristas, os populistas, os iliberais.

E, eles no centro liberal, da liberdade de mercado, da concorrência, de um sistema ideal, natural, chega a dizer outro (MONTEIRO, 2020)[25]!

As narrativas da gripezinha é/seria a retórica dos populistas e iliberais como Jair Bolsonaro[26], Donald Trump[27], Victor Orban[28], Matteo Salvini, etc.

---

[25] Ao dizer que: "o capitalismo é uma construção social natural", "é o resultado de um sistema de vida em sociedade, de uma realidade social que desde sempre (...)", "o ser humano" "foi sempre um homus capitalisticus",

[26] Bolsonaro: 'Depois da facada, não é uma gripezinha que vai me derrubar'. In.: *Youtube*. 20 mar. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ts2ClqnHKWA,a. Acesso em: 24 abr. 2020.

[27] Que sugeriu que as pessoas tomem detergente para matar o vírus, nesta semana (fins de abril de 2020).

[28]Que aproveitou a gripezinha para assumir como ditador, conforme a Revista *Carta Capital*. disponível em: https://www.cartacapital.com.br/mundo/hungria-se-aproxima-de-ditadura-ao-dar-poderes-especiais-a-orban/, 30 março de 2020; would-be autocrats are using covid-19 as an excuse to grab more power [The Economist, 23 abril de 2020], in: https://www.economist.com/international/2020/04/23/would-be-autocrats-are-using-covid-19-as-an-excuse-to-grab-more-power. acesso em: 25 abr. 2020.

Banana para Trump
Foto Carlos Machado, muro Porto, 2020.

Do outro, estaria a esquerda, a Climáximo[29], a Extinction Rebelion[30], a Greta, João Camargo, Boaventura de Sousa Santos (2020), Zizek (2020, a,b,c), Soromenho-Marques (2020, a,b), Bruno Latour (2019a, b)[31], Wagner

---

[29]Ver:<https://www.climaximo.pt/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

[30] "Rebelión" mundial para defensa del planeta. [Militantes ecologistas comiezan acciones de Sidney a Londres, Nova York, Paris, etc. *El País* [Uruguai], 8 outubro de 2019, p. 4/Internacional" (Impresso, arquivo pessoal).

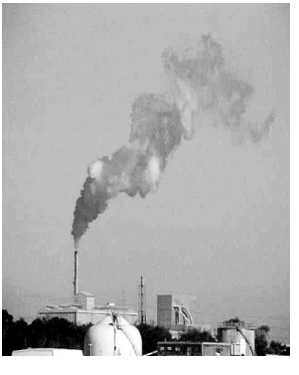
[31] Bruno Latour (2019b): "El sentimiento de perder el mundo, ahora, es colectivo", ao publicar en castellano Dónde aterrizar. Cómo orientarse en política (Taurus; traducción de Pablo Cuartas, 2019a),

Passos[32], e todos aqueles e aquelas que lutam contra tal sistema e buscam a produção, criação de "outro" a partir da transformação deste em que vivem e que está a destruir a vida no Planeta. Já os "do muro" produzem o discurso (as narrativas), que seus chefes querem ouvir, para o qual são pagos e buscam convencer seus leitores de que "tudo voltará ao normal", em breve.

---

onde faz "un diagnóstico sobre un mundo donde el cambio climático lo trastoca todo y permite comprender fenómenos que van desde las desigualdades hasta la globalización, pasando por el ascenso del populismo. También es un llamamiento a la acción y un manifiesto europeísta", 30 mar. 2019. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2019/03/29/ideas/1553888812_652680.html>. Acesso em: 24 abr. 2020; ver também, "A crise sanitária incita a nos preparar para as mudanças climáticas", In: *REVISTA IHU ON-LINE*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597499-a-crise-sanitaria-incita-a-nos-preparar-para-as-mudancas-climaticas-artigo-de-bruno-latour>. Acesso em: 25/04/2020.

[32] Fanzinazão 1 e 2. Cartuns e textos de quarentena. Março/abril de 2020; ver Brasil de Fato (Brasil), 27 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefators.com.br/2020/04/27/nasce-o-fanzinezao-revolucao-no-jornalismo-e-na-resistencia>. Acesso em: 27/05/2020.



Três faces do modelo de produção atual: agronegócio, petróleo e poluição
Fotos 1 Rio Grande/Brasil, s/d.; Foto 2 Porto/Portugal, s/d, por Carlos Machado. Foto 3 Washington, Rio Grande/Brasil, s/d.

Esse normal que eles fazem referência, explícita ou implícita, é que nos interessa destacar do conteúdo de suas narrativas. Isso porque se articulam aos interesses hegemônicos do e no sistema capitalista, e de forma mais ampla do sistema-mundo, o que acima Juan Gimeno alertou. Tal sistema – é o da bolsa, do comércio, das corporações, do virtual, da geoengenharia, da 4ª revolução, etc. – que todos os anos discutem nos seus Fóruns Econômicos Mundiais (SCHWAB *et al,* 2019). Por exemplo, diz Satya Nadella, CEO da Microsoft:

> "A inteligência artificial potenciará todas as experiências, aumentando a capacidade humana com conhecimento e poder preditivo" (Prefácio, p. 9); ou o próprio Schwab: "inteligência artificial às biotecnologias, dos materiais avançados à computação quântica" (...) "causarão mudanças radicais no nosso quotidiano" como 4ª revolução (Fundador e Executivo do Fórum Econômico Mundial (2019, p. 13).

O consumo te consome!
Foto Carlos Machado, Muro Porto, 2019.

A pandemia colocou em xeque tanto a narrativa (concebido) destes liberais, neoliberais, mas também dos populistas, os iliberais que comungam a defesa do capitalismo[33], mas

[33] Mesmo que, Henrique Monteiro (2020) diga que o capitalismo sempre existiu, que é natural, na sua reflexão admite que hoje, com "as alterações climáticas, tecnologias diversas, inteligência artificial ou exacerbamento das desigualdades" o capitalismo 'volta a ser posto em causa". Mas, em contradição diz que os problemas daí advindos decorre de "perversões", de "imoralidades" (como teria advertido Hayek, diz ele), etc.; e de que determinadas pessoas (sic?!) usam "a Greta para 'impor modos de vida que as populações não aceitam". Para ele, requentando Maltus a questão seria: "saber se a demografia crescente (salvo na Europa) será sustentável para a espécie (...) O planeta tem recursos finitos" (p. 61-64).

também determinada esquerda, progressistas ou democratas desenvolvimentistas, que concebem a relação com natureza como de exploração sem fim e ao progresso[34].

Tal paradigma civilizatório (portanto, concebido), que separa os humanos da natureza/meio ambiente e sua exploração sem fim, assim como os fins de sua transformação pelo trabalho é que está causando a injustiça ambiental, a injustiça climática assim como a pandemia. É/Foi a alteração dos ecossistemas, da exploração dos bens comuns, devido a alteração climática, etc. que está causando o

---

[34] Aqui me refiro aos pensadores marxistas ortodoxos em países comunistas, como China, Cuba, etc., mas, mais significativo em países socialistas como Portugal, Espanha, que até ontem rezavam pelo "capitalismo de cassino", e que colocavam em prática as diretrizes e o controle das finanças determinadas pela Troika (designação atribuída à equipa composta pelo Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia, https://www.economias.pt/significado-de-troika/, acesso 27/05/2020), desde a crise de 2008 na Europa, e que agora, ao precisarem da União Europeia e do Banco Central Europeu (o FMI desapareceu nos últimos tempos do cenário!), ficaram a "ver navios"; além disso, outros países , como a Alemanha e Holanda que em março e abril "lavaram as mãos" no ajudar os demais países, os quais seguiam as regras por eles determinadas; e suas propostas são "mais do mesmo" (maio de 2020).

abalo sísmico de fundo nos fundamentos do sistema existente há mais de 520 anos.

O Espirito da coisa!
Foto Carlos Machado, Muro Porto, 2020.

Não é correto afirmar que todos estão sofrendo da mesma maneira, que estão no mesmo barco, pois uns tem ilhas, jatinhos e palacetes protegidos, bem como recursos para se protegerem (e até fugir para determinados

países, e até do Planeta, em futuro breve)[35]. São estes que querem que tudo volte ao normal, que voltemos ao trabalho, que sugerem para não ficarmos em quarentena, que aceitemos a tutela dos militares, de ditaduras e ditadores, de regimes de exceção e big-vigilância. Se beneficiam da desigualdade, da destruição ambiental e da mercadorização de tudo e de todos/as. São os que se beneficiam da ditadura do mercado, como defendia Hayek, Pinochet, e muitos militares brasileiros apoiadores de Bolsonaro! (MACHADO e RODRIGUES, 2019). Ou com Trump que quer manipular as eleições para se perpetuar no governo dos EUA, dar continuidade a sua "loucura" que poderá nos levar a guerra nuclear global! (FIORI e NOZARI, 2019; BORON, 2020).[36]

---

[35] Jornal Bloomberg (Alemanha), diz que "ricos querem fugir para Nova Zelândia diante do coronavírus. *in.:* Jornal de Negócios, Portugal 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.must.jornaldenegocios.pt/viver/detalhe/tinhamos-mesmo-de-ir-os-planos-dos-ricos-para-fugir-ao-novo-coronavirus>. Acesso em: 04/05/2020. Ver tmmbém: RUSHKOFF, Douglas. Os ultra-ricos preparam um mundo pós-humano. *Outras palavras*. Publicado em 19/11/2018, atualizado em 24/12/2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/os-ultra-ricos-preparam-um-mundo-pos-humano/>. Acesso em: 04/05/2020.

[36] O jornal *El País*, no dia 02/05/2020, ao fazer

Se prestarmos atenção de onde estão a falar empresários e banqueiros, e também muitos jornalistas "âncoras"[37] ou aqueles que

---

reportagem sobre as manifestações da extrema direita armada que invadiu parlamento em estado norte-americano com armas, afirma que, assim como no passado investigações periodistas identificaram nestas apoio e dinheiro de fundações, ricaços, etc. como irmãos Kock, Robert Mercer, dentre outros ao "Tea Party Patriots", à "Cambridge Analítica", ao BreibBart (de Steve Banon, que também foi CEO da Cambridge Analítica), às Convenções (Convention of Stols), etc. que buscam "promover y amplificar" (como fizeram no passado ao elegerem Trump, e Bolsonaro) "uma robusta rede de grupos ultraconservadores, temerosos que el deterioro econômico provocado por la medidas de confinamento pueda prejudicar las opcciones de reeleicion de Donald Trump". Assim, como estão fazendo manifestações semanais no Brasil com apoio de Bolsonaro, e Argentina (Pagina 12, 06 de maio 2020). Para detalhes destes grupos e Tinks Tanks, ver Intercept e Machado e Horácio, 2019.

[37] No Brasil, na rua estão os jornalistas mais novos, muitos jovens, os mais "famosos" nos estúdios, em casa (ver RBS, no Rio Grande do Sul), estes apesar de estarem defendendo a quarentena, assim como a Globo, mais dúbia, e na disputa dos empresários com Bolsonaro, devido aos ataques deste e a concorrência com as mídias de fake news que o apoiam, e na conquista dos "peixes grandes", os verdadeiros poderosos no e do país e que sustentam Bolsonaro com apoio dos militares. Os anúncios de apoio a manifestação de Ricardo Salles (na reunião ministerial de 22 de abril), em jornais matérias pagas em jornais do Brasil (*No meio ambiente, a burocracia também*

dizem o que devemos acreditar sobre a economia normal e o que fazer (HALIMI, 1998): são de suas casas, escritórios, palacetes. Os bancos oferecem apoio financeiro para pagar após a quarentena, dinheiro disponibilizado pelos governos e de seus correntistas, é claro! Por outro lado, muitas empresas que estão ganhando dinheiro, lucrando são aquelas da saúde, das mídias, da internet, mas também de automóveis e outras que mudaram a linha de produção para produzir respiradouros; o agronegócio continua de "vento em popa" e invadindo terras indígenas e matando lideranças no Brasil e América Latina.

Portanto, muitos destruidores e/ou que se beneficiam da desigualdade ambiental (ou a causam!), assim como a climática, agora, se reciclam para continuar lucrando[38]. E, quem

---

devasta, dizem BRF, Sadia, Qualy, Batavo, Friboi, Turma da Monica, Marfirg, Seara, P7G, O boticário, Colgate, L´Occitane, Pedigree, Whiskas, Royal Canin, Accor Hotels, TXAI, Bourbon hotéis e resosrts, Wyndham, etc.) mostram isso!

[38] No Brasil (maio/junho), está em debate e embate, de um lado, os que apoiam Bolsonaro, com militares da reserva, bolsomínios e robôs virtuais, seguidores de Olavo de Carvalho, etc. e de outro, quem apoia Rodrigo Maia, a Globo, etc. que agora, com Sérgio Moro ampliam suas forças. No entanto, a questão central, na disputa do poder político e legal, está quem é o melhor para manter amanhã o mesmo sistema normal de ontem, e os interesses do grande empresariado, dos

está morrendo agora: são os pobres, os negros, os afro-americanos, os latinos, os idosos pobres, tanto nos Estados Unidos (Nova York, já tem dados sobre isso), e no Brasil iniciam-se pesquisas e reportagens sobre isso.[39]

Portanto, o abalo sísmico fez vir à tona a questão do que é o normal?

Uma anormalidade das maiorias das populações do planeta, e, portanto, injusta e cruel; no vivido, no cotidiano para todos, mesmo que diferentemente desigualmente, pelo coronavírus. Mas, superada tal anormalidade, voltaríamos ao normal anterior, e, portanto, à normalidade do capitalismo e sua in/sustentabilidade?

Voltaríamos ao normal no Brasil, de Bolsonaro, da injustiça e da desigualdade, que nunca acabou, pelo contrário ficou explícita com

---

bancos, do agronegócio, etc. (os 1%).

[39] Cinicamente, alguns (donos da Havan, Madero, Riachuelo, etc.) disseram em abril de 2020 que seriam 5 a 7 mil mortos, e não necessário o isolamento social, todos apoiadores, inclusive militares próximos a Bolsonaro; agora, em maio o dono da XP investimentos diz que o pico da pandemia nas classes ricas e média alta já passou, e tudo está bem. Em inícios de julho mais de 60 mil pessoas – dados oficiais - morreram no Brasil pelo covi19, além de talvez, outras tantas subnotificadas, não notificadas do que empresários da "morte" e da ganancia afirmaram!

a pandemia? E, na cidade do Rio Grande, do Porto, de La Paloma, de Santa Clara, ou outras, voltaremos ao normal? Que normalmente era essa? No caso da cidade do Rio Grande, é uma cidade que, desde os anos 2010, vimos mostrando, através dos mapeamentos dos conflitos, indicadores de injustiça e desigualdade e que, com a pandemia, está aí para todos e todas verem, voltará ao tal normal?!

2. Na América Latina e no Brasil o normal é o anormal para as maiorias

Na América Latina, no Brasil, o normal para a maioria de sua população (que é buscado pelos empresários e jornalistas, ou o novo normal, é o anormal), é o retorno às atividades que diferentes governos estaduais e municipais efetivam. A abertura do comércio, das indústrias, dos frigoríficos, etc. mesmo que a cada dia mais pessoas sejam contaminadas (no RGS 1/3 dos contaminados são de/em frigoríficos, maio de 2020), que os hospitais estejam cheios, que as pessoas morrendo em casa, empresários e prefeitos flexibilizam as medidas de controle da pandemia: tudo em nome do lucro! E isso tem apoio do próprio presidente, de maneira explícita, mas também de alguns governadores!

O normal de ontem, e também neste momento, em abalo sísmico, é o capitalismo que começou a ser gestado em 1500 na América Latina e que tomou conta do sistema mundo há 200 anos, pelos senhores do mundo (de então), seus funcionários e seguidores, assim como pelo apoio da Igreja Católica desde então, e hoje também neopentecostais, evangélicos, muçulmanos, etc. fundamentalistas religiosos e capitalistas. Se, naquele momento, predominou o trabalho escravo (negros e índios), a exploração da natureza e o roubo de metais preciosos, o estupro, a tortura, o racismo, etc. (SCHWARTZ, 2019)[40], como parte de tais processos de domínio e submetimento; hoje, o mesmo projeto persistente, ampliado aos brancos pobres, idosos, mulheres, crianças, excluídos, etc.[41]

---

[40] Tal sistema, se mantem, por que recorrentemente, a partir do século XX as elites mobilizam as classes médias em seu apoio e aos golpes militares (SOUZA, 2017).

[41] No Brasil a escravidão, o machismo, homofobia, patriarcalismo, o sentimento anti-pobre, etc. se incrustou de tal forma na classe média e no povão que sustentam, também, a dominação e exploração dos humanos e da natureza; e diante de qualquer ameaça que surja – as forças armadas assumem a gestão do sistema para colocar "ordem na casa", como ocorreu em diferentes momentos da história assistimos agora, em fins de maio de 2020.

Brasil escravista colonial
Foto Carlos Machado, Gravura Museu em arquivo pessoal, s/d.

Nesse modo de produzir industrialmente, de uso e abuso dos bens comuns (que os capitalistas e os "desavisados" chamam de recursos naturais, pois o pensam para seu uso e abuso antropocêntrico), ampliou-se nos séculos seguintes. A produção do consumo sem fim e de coisas inúteis, desnecessárias, com tempo de vida restrita[42] para as classes médias e migalhas

[42] Obsolescência programada, conforme Marx, in Harvey, 1991, 2020a e b.

aos pobres e deserdados[43] se generalizou mundializando-se. O que compramos hoje estragará amanhã ou ficará fora de "moda", "desatualizado", para que compremos outro, e outro e outro, talvez feito por mulheres, crianças e homens escravos numa empresa no centro de São Paulo, no interior do Ceará, na Ásia, na África...

É esse o normal que, nos últimos 40 anos, se acelerou em seu ritmo e modo de produzir, consumir, distribuir, de forma restrita e desigual, via modo de acumulação flexível (HARVEY, 1991; 2020a); de/em processos produtivos localizados em diferentes partes do mundo (onde o trabalho é mais barato e com controles autoritários dos governos internos em conluio com os dominantes globais), e que, pela

---

[43] Em 2002, quando Lula é eleito, havia 40 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza, passando fome, excluídos em nosso país, ao mesmo tempo em que era/é um dos mais ricos produtores de alimentos, e que chegou a ser a 7% economia mundial que com as políticas (limitadas, mas positivas) desenvolvidas avançava na superação de tal abjeta situação a estas populações; depois de 2016, com o golpe destruíram tais políticas, e voltou a miséria e a fome, ampliada com o desemprego desde Michael Temer, com Bolsonaro e a Pandemia. Ao mesmo tempo financiam grandes empresários, bancos e especuladores e agronegócio via juros baixos, subsídios, perdão de dívidas etc.

globalização financeira, separou o dinheiro fictício da materialidade produtiva do sistema – onde o dinheiro futuro é riqueza no presente; onde, a exploração da natureza, da produção de alimentos, da biodiversidade, do tráfico de órgãos, de pessoas, de drogas, etc. são partes de uma cadeia global que tem o objetivo de ganhar mais e mais dinheiro fictício, etc. no presente, no imediato. Mas, isso, ao mesmo tempo, destrói as bases materiais, naturais e humanas do futuro para as grandes maiorias[44]. Profeticamente, anunciava Marx, no século XIX, dizia:

> O processo de produção deixou de ser o processo de trabalho no sentido de processo dominado pelo trabalho como

---

[44] Em parte, e como hipótese, diria que o capital excedente gerado pelos processos de desenvolvimento capitalista na atualidade, se materializa nas máquinas, na informática, na inovação tecnologia, na geoengenharia, etc. os quais dominam o trabalhador, tornando apenas apêndice da máquina, de um lado, ao mesmo tempo quem que tais capitais excedentes têm que se "materializar", sendo reinvestindo em tais processos inovadores (ver discurso de Swaub, Fórum Econômico Mundial e outros), mas também, na especulação imobiliária, na mineração, etc. (ver Sassen, Expulsiones, 2015), mas também nos mercados futuros de derivativos, ou papeis de mercado futuro, muito vigente no agronegócio, etc. (inspirado em David Harvey, 2020 a e b).

> unidade que o governa. Ao contrário, o trabalho aparece unicamente como órgão consciente, disperso em muitos pontos do sistema mecânico em forma de trabalhadores vivos individuais, subsumidos ao processo total da própria maquinaria, ele próprio só um membro do sistema, cuja unidade não existe nos trabalhadores vivos, na maquinaria viva (ativa), que, diante da atividade isolada, insignificante do trabalhador, aparece como organismo poderoso (MARX, 2011, p. 581; HARVEY, 2020a).

Portanto, foi tal sistema que cada vez se tecnologiza mais, onde os minérios, a água, a biodiversidade, etc. fazem parte de uma totalidade em ritmo acelerado de exploração para desenvolverem-se e ampliarem-se mais e mais, tornando parte significativa das populações humanas, apêndices de máquinas, descartáveis, lixo (BAUMAN, 2005, 2009), excluídas, etc.

Casas de Lata com Humanos
Foto Washington, Rio Grande, s/d.

Até o momento, com a ampliação das *mierdas de trabajo* (os precários são exemplos disso), isso foi sendo empurrado com "a barriga", mas os sinais de destruição ecológica e de ecossistemas, que já vinham sendo anunciados, com a pandemia vieram à tona de forma avassaladora no planeta.

Precários na Universidade do Porto em luta
Foto Carlos Machado, Porto/Portugal, 2019.

E, depois da crise de 2008, os iliberais, os populistas e fascistas aproveitaram para assumir a gestão de importantes países para sustentar o sistema radicalizando-o, gerando mais destruição ambiental, climática e, talvez ao fascismo global seja pelo negacionismo seja pelo conluio com fanatismos religiosos! A globalização e a financeirização *capitalista* se acelerou ainda mais em seu ritmo, de um processo que se iniciou em 1492 na América (e 1500 no Brasil), e em outros continentes; potencializado pela "acumulação primitiva" (Marx, O Capital), mas, também, pela *colonialidad* produzida em associação ao *patriarcalismo* (LANDER, 2011; SANTOS, 2020) nos últimos 40 anos.

Ao chegarem na América Latina os europeus impuseram a *colonialidad* e seu

patriarcalismo, com aspectos interligados ao sistema emergente, e após com sua "modernidade" assumirem a hegemonia nos pós "revoluções burguesas" (francesa, inglesa e norte-americana), nos séculos seguintes virou capitalismo. Foram as nossas terras, riquezas, biodiversidade, via escravidão, matanças, através das armas, das ciências e da religião católica (então dominante), que eles se apropriaram e justificaram sua exploração, dominação e patriarcalismo (SANTOS, 2020; LANDER, 2019; QUIJANO, 1997, 2011, 2009) na acumulação primitiva gerador de seus sistemas. E seu paradigma (e seus fundamentos) se incrustou nos seres, saberes e viveres nossos até o presente, como parte da produção e *re-produção* do sistema-mundo atual (o normal deles).

Se as revoluções francesas, inglesa, norte americana pareciam alterar o domínio de déspotas (reis, banqueiros, papas na Europa feudal, e, depois, mundial no Ocidente), logo foram substituídos pelos novos dominantes – os capitalistas e seus lacaios – no século XIX), depois imperialistas no XX, e globalistas das finanças e os fascistas globais atuais.

Em todos esses períodos, também surgiram alternativas, sendo as mais significativas as do século passado, em 1917, 1949,

1959, etc. (BANDEIRA, 2017; VASQUEZ & FLORIDO, 2007; CHOMSKY, 2015; BELL, LÓPEZ, CARAM, 2006; VISENTINI, et al, 2013; SKOCPOL, 1985). Mas, para combater a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, por exemplo, se juntaram todos os capitalistas da Europa no financiamento de exércitos mercenários. Sem sucesso, e, diante da crise de seu sistema de "livre mercado", em 1929, e sua desmoralização, cedem a seus radicais populistas de então, como Hitler e Mussolini (BANDEIRA, 2017; VISENTINI, et al, 2013).

Assim como hoje, diante de seus processos destrutivos de vidas e da natureza dos últimos 40 anos e com o fim do socialismo em contraposição, criaram condições para ascensão de Donald Trump, Jair Bolsonaro, Matteo Salvini, Victor Orbán, etc. Isso porque tais iliberais (na expressão de Martin Wolf, 2018), como aqueles do passado (Hitler, Mussolini, etc.), não são/eram contra o capitalismo.

Pelo contrário, Hitler invadia países e levava junto as empresas alemãs, muitas das quais hoje estão por aí, saqueando e explorando, sugando recursos de países pobres do mundo, para manterem-se como exemplos de capitalismo bem-sucedido! Nos campos de concentração de Hitler, os métodos e lógicas (FONTANA, 2015), de exploração dos traba-

lhadores, dos judeus, ciganos, comunistas e outros, era bem capitalista, efetivas e gerenciais em semelhança ao que pregam empresários e CEOs pelo mundo afora, fazendo o mesmo com seus trabalhadores, terceirizados, precários. Foi somente quando Hitler estava sendo derrotado pelos comunistas da URSS e pelas resistências internas em cada país, que os "lideres capitalistas" começaram a agir na/para sua derrota, e os EUA, depois do ataque de Pearl Harbor, dezembro de 1941.

Ditadura e desfiles anos 1940
Foto Carlos Machado, Museu Matosinhos em Porto/Portugal, 2019.

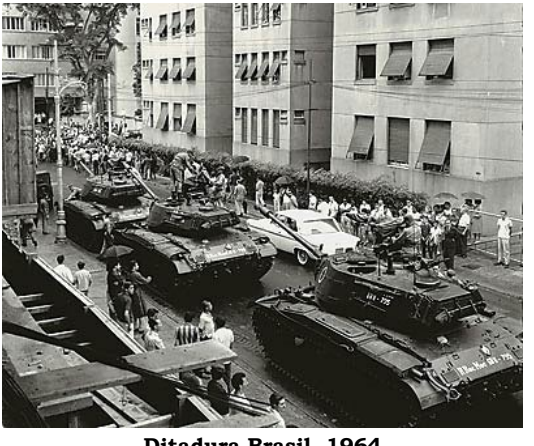
Na sequência, vivenciamos a guerra fria, na Europa a "bem-aventurança" no período de "curar as feridas", via financiamento da reconstrução do velho mundo e auge dos EUA e seu aumento potencial em "armas", como forma de ameaça permanente (e de lucro ao complexo industrial-militar). No entanto, no "quintal" dos EUA, leia-se a América Latina e do Sul, o "Big Stick" agia a bel prazer, com golpes, assassinatos, invasões dos marines em apoio a lacaios, durante todo o século XX. A vitória contra o Nazismo, principalmente devido à ação da URSS e dos comunistas, desfez as mentiras e mitos criados pela propaganda capitalista, junto aos povos do mundo além de contribuir para as lutas de libertação das colônias. Mas, ao mesmo tempo, crescia na América Latina e no interior dos EUA o anticomunismo, que, no entanto, não evitou que, em 1959, os cubanos nas "barbas do tio Sam", botaram a correr o ditador (Fulgêncio Batista) apoiado pelos EUA!

No Brasil, o pós II guerra mundial foi de golpe militar (1945-47), e, depois, novamente em 1964-1989[45], precedido por uma "transição

---

[45] Neste período, de 1945 a 1964, inúmeros generais foram fazer "cursinhos de doutrinamento" das escolas das Américas nos Estados Unidos. Basta procurar nas biografias, como, por exemplo, Golbery de Couto Silva o criador do serviço de espionagem da ditadura.

lenta, gradual e segura" (FERNANDES, 1986, 1989), no retorno à democracia da mais "baixa intensidade" possível (MARINI, 2008).



Ditadura Brasil, 1964
Foto Carlos Machado, Museu Matosinhos, 2019

A transição ocorreu em 1985, com Tancredo e Sarney, ex-chefe do partido da ditadura civil-militar-midiática (SILVA, 2014), depois do dia que durou 21 anos (TAVARES , 2014), de 1964 até 1989, com a eleição de

---

Muitos, nos anos 1930, tinham apoiado Getúlio Vargas, ou o integralismo e o fascismo (TRINDADE, 2016a, 2016b).

Fernando Collor de Mello (filhote da ditadura, interventor em Alagoas, o "caçador de marajás", leia-se dos servidores públicos). Após, com a eleição do "príncipe dos sociólogos" Fernando Henrique Cardoso[46] em 1994, manteve-se o mesmo sistema existente; assim, como depois, com Lula (2003-2010) e Dilma (2011) destituída em 2016 através de um golpe civil-jurídico-militar. Esses dois últimos "tinham distribuído migalhas demais aos pobres", criaram a esperança de estudar na universidade, de ter carro, casa, um Brasil melhor, etc., mas isso, era inadmissível!

A destituição de Dilma Rousseff[47] e a assunção de seu vice, Michael Temer, preparou o caminho à Bolsonaro, o qual, no momento decisivo, teve apoio da mídia, das grandes empresas, do agronegócio, dos militares, etc. diante da ameaça de retorno de um governo da esquerda, no caso de Fernando Haddad (PT), em

---

[46] Que hoje, os Bolsominios e seus robôs o chamando de comunista; os mesmos que vão as ruas e as redes sociais pedindo ditadura militar para sustentar seu capitalismo fascista e autoritário.

[47] Apesar de que, logo após as eleições de 2014, Dilma faz reformas e acena de forma mais intensiva, inclusive colocando um banqueiro para coordenar suas políticas de acenos amistosos ao "mercado", o que levou por outro lado, o abandono de seus apoiadores das classes e movimentos populares.

2018. No período eleitoral, em 2018, o Brasil e o capitalismo continuava em crise e as elites exigiam corte nas políticas públicas e sociais, privatizações, mais saqueios e lucros, e Aécio Neves, Geraldo Alkmin e outros de seus candidatos não "decolaram" e as elites foram de Bolsonaro[48] mesmo, com a expectativa de que as leis, a constituição, o Supremo Tribunal Federal (STF) os faria "entrar nos eixos", assim como diziam sobre Trump quando da sua eleição.

Portanto, aqueles que criaram a crise de 2008, no sistema-mundo, devido a especulação financeira (papeis podres, pirâmides, etc.), no campo imobiliário nos EUA, correram a pedir apoio de recursos públicos, via Estado, que antes abominavam. Os agiotas de antes continuaram a saquear e a roubar recursos públicos para financiarem seus Chief Executive Officer (CEOs) e se mantiveram agindo como antes, ao mesmo tempo, em que exigiam mais privatizações, cortes na saúde, na educação pública, e assim aumentam a miséria, a fome, a desigualdade. A destruição ambiental, a crise climática, a

---

[48] Bolsonaro tornou-se também alternativa diante de sua votação no primeiro turno, pelo apoio da classe média, do anticomunismo e do antipetismo, além das mídias digitais desde a expertise de Steve Bannon e a Cambridge Analítica, a qual já tinha eleito Trump nos EUA.

emergência e as catástrofes, os eventos extremos, a destruição de países e a imigração em massa para a Europa continuou em decorrência de tal sistema e que uns financiam outros para justificarem sua continuidade.

E aí chegou o vírus em fins de 2019 e início de 2020! Este é o momento do abalo sistêmico do capitalismo em que estamos vivendo, no momento de quarentena de 1/3 da humanidade e da morte pela pandemia de milhares, da miséria, da fome e da contaminação de outros milhares, do desemprego, etc.[49]. Mas, uma crise ainda maior vem sendo anunciada por ambientalistas, ecológicos, eco socialistas, há mais de quarenta anos, e escondida pela mídia e pelos capitalistas (MACHADO, 2020).

---

[49] Por mais meritória as ações e indicações da OMS e dos órgãos de saúde, dos quais os servidores de saúde estão na linha de frente e sendo infectados e mortos aos milhares, é para as classes medias, os ricos e os com possibilidades suas principais ações. Os precários, as mulheres, os idosos, os moradores de rua, os autônomos, etc. pobres, negros, excluídos, favelados etc. não estão abrangidos por suas indicações. Nem aqueles pequenos comerciantes ou produtores que tem apenas seu negócio para gerar renda (pequenos comércios, cabelereiros, manicures, baristas, ambulantes, etc.).

3. As injustiças ambiental, climática e a do vírus

Bruno Latour (2019a), Santos (2020), Soromenho-Marques (2020a; 2020b), dizem que foi nos últimos 40 anos que a "coisa" começou a ficar insustentável! Sim, é correto diante da aceleração da crise ambiental, mas também diria com Santos (2020), devido ao aumento da desigualdade, da miséria, da exclusão e expulsão de pessoas de seus países com as guerras capitalistas nas últimas décadas, da guerra infinita de Bush, Obama e Trump, e com o fim do socialismo na URSS e leste europeu (1990/1991).

O que era o normal anterior, era/é senão o sistema de miséria, exclusão, fome, exploração de muitos, das maiorias; bem como da exploração sem fim da natureza e do planeta em busca de lucros sem fim. É isso que está nos levando a catástrofe global que as mobilizações estudantis da emergência climática colocaram na ordem do dia, e que foi colocada na "lata do lixo" na Espanha, em fins de 2019, pelos governos mundiais. Ou seja, a injustiça ambiental, a injustiça climática e a pandemia são consequências desse modo de produzir e viver que estamos submersos na atualidade.

> A crise climática é a consequência mais evidente, mais imediata e mais ameaçadora do modelo industrial, produtivista e consumista em que se baseia a nossa economia e o modo de vida que levamos [,] um sistema que tem como motor o ter e o acumular, [...] que tem como pressuposto básico o crescer mais, sem parar, sem respeitar os limites naturais [;] não se trata mais de uma embate nos velhos termos – capitalismo versus socialismo – [...] estamos diante de uma crise da civilização industrial e de seus modelos de organização econômica e política – a dominação capitalista e a desafiante e subalterna socialista – para a sociedade. (GRZYBOWSKI, 2011, s/p).

Assim, é necessário, a partir disso, considerar que há uma contradição mais ampla entre o modo de produzir e viver na e da sociedade construída pela humanidade desde os últimos 500 anos e que se tornou hegemônica nos últimos 200 anos em sua relação com a natureza, de um lado; e que, de outro, de que a natureza estaria no centro das relações sociais e deste processo de produzir, consumir e gerar "coisas" necessárias, mas também as inúteis, simplesmente mercadorias ao lucro devido ao consumismo sem fim.

7 Pecados Virtuais

Foto Carlos Machado, Porto/Portugal, 2019.

O sistema de mercadoria ocupou todos os espaços sociais (as relações da sociedade com a natureza; entre as pessoas; das pessoas com seus pensamentos/concebidos), onde tudo e todos passaram a serem passíveis de exploração como tal, e isso está gerando as consequências na atualidade de emergência climática e ambiental. Mas, como tudo isso se mantém?

Se mantém, porque, tanto os resultados dos processos produtivos, bem como a riqueza gerada, ou ainda, os impactos e as consequências, sejam as positivas como as negativas são distribuídas de forma não equânime entre todos os seres humanos[50]; uns se beneficiam (o 1/3) enquanto os invisíveis, os pobres, os injustiçados, os negros, os imigrantes, os precários, aqueles que sobrevivem dos *trabajos de mierda*, e que são as maiorias dominados/das, controlados/das, subjugados/das! A tal processos desigual e injusto chamamos de *injustiça ambiental,* em decorrência de uma desigualdade apropriação da riqueza produzida, bem como dos benefícios e maléficos decorrente da transformação da natureza pelo trabalho. Os eventos extremos e globais, como alterações climáticas, destruição dos ecossistemas, seja pela mineração, o agronegócio, a poluição decorrem dessas atividades; assim como o uso

---

[50] Lluís Bassets [El privilegio de los confinados, El País, 01/04/2020, Espanha], diz que há no mundo "2,5 bilhões" em quarentena; e os demais 5 bilhões?, pergunta. Destes, "2,2 bilhões sem água potável", "4,2 bilhões" sem saneamento, 1,6 bilhões que habitam espaços insuficientes e precários, além dos milhares de refugiados vivendo em barracas. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2020/04/01/opinion/1585753889_335209.html>. Acesso em: 30/05/2020.

abusivo de automóveis individuais, dentre outros deste modo de consumo. É isso tudo que está a causar impactos em nível global no Planeta. E, na medida em que tais alterações e mudanças não impactam e prejudicam os seres humanos de forma igual, pois uns vivem em espaços e com condições de vida e localização diferentes e desiguais, também geram *injustiças climáticas*.

Por fim, na medida em que os vírus, como a pandemia atual do covid-19, certamente, decorreu de alterações de ecossistemas bem como da debilitação da saúde humana ou da transferência de vírus de animais para os humanos (RAMONET, 2020), as consequências globais estão indicando que suas consequências mais mortais está atingindo no momento grupos sociais mais vulneráveis. Inicialmente, foram os mais ricos a serem atingidos e atendidos com as condições que exigiam), mas ao se expandir de forma rápida e avassaladora, as condições de atendimentos nos espaços de saúde pública não estão dando conta de atender todos e todas, e agora, são os mais pobres e sem condições de atendimento em saúde, os que mais morrerão em maior quantidade. Estaríamos aí evidenciando uma nova forma de injustiça? Sendo assim, devemos considerar a existência de uma injustiça global, vivida atualmente pela Covid19,

como uma nova fase, efeito e consequência de outras injustiças.

Detalhemos cada uma destas injustiças.

3.1 A injustiça ambiental

Na última década, viemos identificando, a partir do mapeamento e estudo dos conflitos urbanos ambientais no extremo sul do Brasil, no Uruguay e em Portugal, decorrentes de projetos econômicos, turísticos, mineiros, etc. a existência de injustiça urbanas e ambientais. Nas últimas décadas na América Latina, em particular no extremo sul do Brasil, tais projetos desenvolvimentistas não atingem todos e todas da mesma maneira em seus benefícios e malefícios. Ou seja, os benefícios de tal desenvolvimento, de crescimento do PIB, da busca desenfreada de progresso, de crescimento, etc. vão para alguns poucos; e seus malefícios recaem sobre muitos de forma mais agressiva e destrutiva. E, a partir daí, identificamos, em nossas pesquisas sobre os fundamentos da educação ambiental em como tais empreendedores, empresas e governos se utilizam de processos educativos para efetivar suas perspectivas e projetos econômicos, junto à sociedade mais ampla e junto às escolas e comunidades impactadas de forma mais direta.

A educação ambiental é utilizada por eles para perpetuar seu sistema de injustiças e desigualdades.

O sistema e as questões mais amplas apresentadas nas partes anteriores, portanto, partem dessas pesquisas realizadas sobre os conflitos urbanos e ambientais no extremo sul do Brasil e outras regiões (MACHADO et all, 2014; MACHADO & VARELA, 2015; SANTOS 2019; MACHADO, GARCIA & SANTOS, 2019) [e de outros/as pesquisadores brasileiros na Rede Brasileira de Justiça Ambiental], sua sustentação empírica. Isso porque mostramos por tais pesquisas que impactos causados por empreendimentos econômicos (mineração, hidroelétricas, as obras da Copa do Mundo e das Olimpíadas, etc.), ocorridos no Brasil entre 2014 e 2016, por exemplo, não impactaram grupos sociais, classes ou setores humanos de forma igual (MACHADO, SANTOS, ARAÚJO & PASSOS, 2013; MACHADO, SANTOS & MASCARELLO, 2015; MACHADO, SANTOS & BARCELLOS, 2018).

Mostramos, que são as mulheres e crianças da baixada fluminense contaminadas pela Refinaria Duque de Caxias (REDUC) (SALLES, 2017) as mais prejudicadas e contaminadas; e que em Rio Grande, a contaminação do agronegócio do arroz, no Taim atinge tanto as

comunidades que ali vivem, os peixes e as águas, assim como o próprio meio ambiente (PUCCINELLI, 2016); que foram comunidades atropeladas e separadas na Vila da Quinta e Povo Novo (Rio Grande), assim como escolas (OLIVEIRA, 2016), pela duplicação da rodovia Rio Grande-Pelotas para escoarem a produção do agronegócio até o Porto do Rio Grande; porto que tem junto as comunidades pobres de seu entorno ações e benefícios desigual em sua gestão daquela que tem com seus empresários (SANTOS, 2017). Assim, como também, as comunidades indígenas e suas crianças na Colômbia, que são mortos e explorados por empresas mineradoras em conluio com o governo daquele país (CASTRO, 2017). Enfim, nessas pesquisas, partimos de problemas e conflitos para identificar os causadores da injustiça, e aqueles que a sofriam, e os processos educativos utilizados via EA.

> Ao analisar o meio ambiente como um terreno contestado material e simbolicamente, Acselrad elabora a noção de conflitos ambientais como *"aqueles envolvendo grupos sociais com modos diferenciados de apropriação, uso e significação do território, tendo origem quando pelo menos um dos grupos tem a continuidade das formas sociais de*

> *apropriação do meio que desenvolvem ameaçada por impactos indesejáveis – transmitidos pelo solo, água, ar ou sistemas vivos – decorrentes do exercício das práticas de outros grupos*". Com essa contribuição conceitual, o autor remete os conflitos ambientais a quatro dimensões constitutivas - *apropriação simbólica e apropriação material, durabilidade* (da base material necessária à continuidade de determinadas formas sociais de existência) *e interatividade* (ação cruzada de uma prática espacial sobre outra) – que seriam essenciais para apreender a dinâmica conflitiva própria aos diferentes modelos de desenvolvi-mento (ZHOURI, 2004, p.2 In: Acselrad, 2004 – grifos do autor).

Disso, se cunhou o conceito de injustiça ambiental (Rede Brasileira de Justiça Ambiental; Henri Acselrad, et. alli, 2009), pois se constatou que há injustiça na apropriação, uso e benefícios (e malefícios), entre os diferentes envolvidos nesses processos de desenvolvimento. Isso porque a "degradação ambiental e desigualdade social têm a mesma raiz." (ACSELRAD, 2009, p. 108), pois injustas devido a imposição "despro-porcional dos riscos ambientais às populações menos dotadas de recursos financeiros, políticos e informacionais" (ACSELRAD et al., 2009, p.

09). Mas, a injustiça também ocorre na cidade, como injustiça urbana:

Luta contra as remoções do centro histórico
Foto Carlos Machado, Porto/Portugal, 2019.

Em alternativa, a justiça ambiental seria "um quadro de vida futuro no qual essa dimensão ambiental da injustiça social venha a ser superada. Essa noção tem sido utilizada, sobretudo, para constituir uma nova perspectiva a integrar as lutas ambientais e sociais. (ACSELRAD et all, 2009, p. 9). Portanto, nessa perspectiva, a natureza estaria no centro das relações sociais sendo transformada pelo trabalho, e os conflitos seriam/é indicador da disputa (da riqueza, das terras e dos espaços de poder), por aqueles envolvidos em tais processos na sociedade, bem como sobre quem cairão os

impactos negativos, assim como os fins dos usos da transformação a natureza.

3.2 A injustiça climática

Nos últimos tempos, no Brasil, a pesquisadora Michele Sato (UFMT) e equipe (2019)[51], e em Portugal João Camargo (2018; 2019; 2020), por exemplo, começaram a pesquisar e utilizar o termo injustiça climática, bem como em suas lutas/atividades cidadãs, ou seja, de que as mudanças climáticas estão a causar graves problemas mundiais, caracterizados por eles como de injustiça climática, pois não prejudicam e/ou atingem todos de forma igual. Assim, como a "degradação ambiental NÃO é democrática", pois são "os mais pobres e os grupos étnicos desprovidos de poder que são atingidos desproporcionalmente, sendo a maior parte dos riscos ambientais-socialmente indu-

[51] A professora Drª Michele Sato do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE- UFMT) para integrar a REAJA - Rede Internacional de Educação Ambiental e Justiça Climática. A referida rede agrega 16 entidades do Brasil, México, Portugal e Espanha, cada qual com suas políticas, metas, métodos e especificidades. Disponível em: <https://gpeaufmt.blogspot.com/p/reaja_31.html>. Acesso em: 02/05/2020.

zidos", onde a "concentração dos benefícios do desenvolvimento nas mãos de poucos"; o modo de produzir é baseado em energias fósseis e o consumismo sem fim é o causador das mudanças/alterações climáticas.

Diríamos que dentro de cada país, de cada cidade, se produz, internamente, injustiça climática que atinge/prejudica de forma desigual diferentes grupos sociais, etários e localizados em determinados territórios e/ou áreas que estão/serão impactadas pelas mudanças climáticas (MANFRINATE, SATO & PAZOS, 2019).

> Correlacionamos a vulnerabilidade às mudanças climáticas ao entendimento de injustiça climática, como algo que ocorre quando uma determinada comunidade necessita suportar sozinha uma carga maior de degradação ambiental e maiores consequências de mudanças climáticas em nome do chamado bem-estar e desenvolvimento da sociedade. (MANFRINATE, SATO & PAZOS, 2019, p. 3).

As alterações climáticas decorrem da ação humana sobre a natureza, ou seja, do modo de produzir, consumir e viver dos últimos 200 anos, a partir da industrialização e uso de

energia fóssil e da exploração dos “recursos naturais” sem fim, estando no centro das causas das mudanças, alterações, e das catástrofes climáticas. Ou seja, nessa perspectiva, as alterações climáticas causam injustiças que se articulam às injustiças sociais pré-existentes criadas no capitalismo, e neste são justificadas pelo antropocentrismo.

> Não é possível mudar tudo o que é preciso sem que a justiça social esteja no centro das preocupações: além de criar alterações climáticas, o atual sistema econômico produziu pobreza extrema, fome e desigualdade sem paralelo na História. [...] A enorme injustiça histórica do desenvolvimento desigual do mundo será amplificada pelos impactos das alterações climáticas, com tendência à violência e ao conflito, às migrações em massa e aos perigos sobre o conjunto da sociedade (CAMARGO, 2018, p.226-227).

Portanto, da mesma forma que a injustiça ambiental, a injustiça climática prejudica/impacta de forma mais avassaladora os pobres, os que vivem em região e áreas degradadas e/ou não adequadas para se morar/viver (beira dos rios, encostas de morros,

sujeitas a alagamento, etc.), etc. E, com a alteração climática acelerada, caminhamos para que tudo e todos sejam atingidos, devido à manutenção de "tudo como está", da inanição de governos, do "dobrar a aposta" de populistas e neoliberais em mais do mesmo, ou seja, da manutenção do sistema causador de tais situações de injustiça e de vulnerabilidades.

Libertação animal e humana
Foto: Tainara F. Machado, Montevidéu/Uruguay, 2008.

Isto porque, diz Bruno Latour (2019a, b) após o fim do comunismo, no começo dos anos 1990, "empieza sub-repticiamente uma história", marcada pela *"desregulamentación,* que otorga a palavra 'globalización' um sentido cada vez [más] peyorativo"; mas também "início de uma explosión cada vez más vertiginosa de las *desigualdades";* e também "la empresa de negar de forma sistemática la existência de la *mutación climática* ('clima' se torna aqui en el sentido general de las relaciones de los humanos con sus condiciones materiales de existência)" (LATOUR, 2019a, p.11). Diz ainda que as elites abdicaram de ter a utopia de incluir os deserdados, diria tanto os sociais, como os ambientais e os climáticos em seus sistema. Uns até já estão testando alternativas fora deste Planeta, depois de o destruírem. Antes disso terão seus *bunkers* (mansões, ilhas, castelos, etc.), e sistemas de controle, vigilância, ID2020, etc. para sua proteção e do sistema que nos levou até este momento. Para tanto, a assunção de militares e órgãos de informação e controle estão a se proliferar na gestão da pandemia em todo o mundo, com o silêncio da mídia hegemônica neoliberal (RAMONET, 2020).

Diante disso, as lutas por justiça climática se associam às lutas por justiça ambiental e as demais lutas dos "debaixo", dos

excluídos, dos explorados e dominados, os quais as mulheres, os jovens e as crianças e idosos somente terão o mundo e o planeta a ganhar, mas, certamente encontrarão resistência daqueles que provocaram tais injustiças e que delas se beneficiam, bem como de seus aparatos de segurança e órgãos de controle e de morte.

3.3 A Injustiça da pandemia

A emergência da covid-19 na China, em dezembro de 2019, e depois sua expansão acelerada, seguida de confinamento e mortes, bem como a rápida proliferação estão atingindo a todos e todas no mundo inteiro. No entanto, se olharmos com mais cuidado, até meados de março de 2020, no Brasil, por exemplo, quem estava sendo afetado eram pessoas que tinham viajado de avião para o exterior e regiões afetadas/contaminadas. Portanto, pessoas com recursos para tanto.

Se buscarmos na mídia e na *internet,* descobriremos o caso do casal do Rio de Janeiro que estavam contaminados e não dispensaram sua trabalhadora doméstica que, ao pegar o vírus, morreu. Outro fez um churrasco com amigos, depois de chegar de região contaminada, e lhes passou o vírus. O mesmo ocorreu no

Uruguai, uma jovem que, contaminada, fez "festinha" com amigos contaminando-os.

No entanto, já em fins de março e início de abril, tinha se generalizado no Rio de Janeiro e São Paulo contaminando os pobres, os com menos condições, servidores públicos de saúde e aqueles que tinham que ir trabalhar (nos imprescindíveis, em merdas de trabalho, com baixa remuneração). Há evidências de que são negros, latinos, pobres e indocumentados que estão morrendo de coronavírus em Nova Iorque, bem como em Londres, apesar de estatisticamente serem em número menor do que os brancos[52]. No fim de semana (6/7 abril), havia 2.5 bilhões de pessoas em quarentena (Lluis Bussets, El País), e os demais 5 bilhões? E desses, 2.2 bilhões não tem água potável, 4.2 bilhões sem saneamento básico, mais 1.6 bilhão vivem em espaços precários, cubículos, em casas de lata, de papelão, em barracas de acampamentos de refugiados, na rua como estão a sobreviver? Quem pode ou está em casa, de quarentena, é a minoria, 1/3 da humanidade, e os demais? Isso nos leva a perguntar, quantos

---

[52] Tal questão também foi referido por Henri Acselrad, em *live* do programa de pós-graduação em políticas sociais e direitos humanos da Universidade Católica de Pelotas, no dia 05 mai. 2020.

seriam em nossas cidades? O que queremos dizer com isso?

De forma semelhante à injustiça ambiental e climática, ocorre o mesmo. Não são todos e todas que são atingidos de igual maneira.

Casas de lata
Foto Washington, Rio Grande/Brasil, s/d.

Associando nossos estudos e pesquisa sobre os conflitos e a injustiça ambiental e, na atualidade, a injustiça climática, diria estar se configurando - hipótese - a ideia/conceito de que, com a emergência do coronavírus, há outro tipo de injustiça se produzindo enquanto materialidade relacional desigual para milhões de seres humanos. Seja, devido ao fato de que não tem possibilidade de ficarem de quarentena, por não terem os meios e os recursos de se protegerem, ou serem atendidos quando

necessitarem, e ainda, aqueles outras/os que não tem qualquer recurso para se sustentarem; ou ainda, de que os serviços públicos de saúde não tenham condições de lhes atenderem, se precisarem. Isso porque a destruição neoliberal e financeira da globalização das últimas décadas privatizou, cortou recursos, depredou os sistemas públicos de saúde, ou não investiu neles para criar as condições de os privatizar ou repassar tais serviços aos privados (PPP).

Nas últimas décadas, os sistemas públicos de saúde foram destruídos, sucateados, preteridos em nome do dito mercado; de recursos à Copa do Mundo e de Olimpíadas, do agronegócio e dos bancos e, depois de 2016, foi o foco da destruição pelas políticas de Michael Temer e Bolsonaro/Guedes no Brasil. Mas, isso também ocorreu na Europa depois de 2008, quando simpatizantes das ideias de privatizarem tudo e todos assumiram a hegemonia da gestão de países e da coordenação da união europeia, até agora!

Por isso, tristemente, deveremos assistir, nas próximas semanas, cenas e acontecimentos mais escabrosos com, justamente, os mais pobres, que Bolsonaro demagogicamente diz-se preocupar, mas que, na realidade, apenas os trata com "meios de trabalho" para o lucro dos empresários e a continuidade, mais radical, de

"mais do mesmo" há 500 anos. Mas, até quando? Até quando o Brasil será o "paraíso das elites", dos 1% e seus asseclas em detrimento da grande maioria da população brasileira?

O capitalismo se lixa com o meio ambiente
Foto Carlos Machado, desenho por Wagner Passos, Maldonado/Uruguay, Março/2020.

4. Considerações finais

A hipótese para a qual me propus apresentar argumentos no desenvolvimento deste ensaio era: *de que o que está (esteve?) em xeque com a pandemia é a produção e a reprodução dos concebidos hegemônicos que se impõem sobre os vividos de exploração, domi-*

nação e gestão de cada um e de todos e todas neste modo de produzir, distribuir e consumir em sua relação com a natureza/meio ambiente que se chama sistema-mundo planetário atual. Em primeiro, argumentei que era/é o capitalismo e um determinado modo de produzir, distribuir seus impactos sobre grande parte dos humanos e dos ecossistemas naturais "que *está (esteve?) em xeque",* ou seja, "*a produção e a re-produção do modo de produzir, distribuir e consumir em sua relação com a natureza/meio ambiente".* Para tanto, mostrei que tal modo de produzir, consumir e explorar a natureza/meio ambiente com sua quase paralisação com a pandemia não "atingiu" todos da mesma maneira, ou seja, 1/3 em isolamento e 2/3 tendo que continuar a trabalhar. De que os 1/3 vivem e têm condições de vida diferente e desigual, em comparação e vividos dos demais 2/3. E de que, para manter aqueles (e seu modo de vida, dito normal), o planeta já, há alguns anos, está mostrando que chegou ao limite, e disso, aquele modo de vida é impossível de ser generalizado aos outros 2/3, sendo insustentáveis a todos os seres humanos viver no espaço terrestre em decorrência. O modo de vida, produzir e consumir capitalista não é generalizável a todos e todas!

Também, a partir de estudos e pesquisas, de que a desigualdade ambiental é que está

a causar injustiças ambientais, já que a transformação da natureza e seus benefícios não são distribuídos de forma equânime, nem os impactos negativos dos empreendimentos desenvolvimentistas. Da mesma forma, os impactos mais imediatos das alterações climáticas ou a destruição dos ecossistemas estão a atingir de forma mais direta grupos, populações, países e regiões, nas quais são os mais pobres, os que vivem em áreas e espaços inapropriados ou sem condições de mínimas de vida aos humanos que estão a sofrer suas consequências diretas. No entanto, a alteração climática, em termos de aumento das temperaturas, está se tornando insustentável para todos e todas, e de que em poucos anos, caso não se reverta as tendências destrutivas do modo de produzir e consumir sem fim em que estamos imersos, a catástrofe ecológica global será irreversível.

Por fim, a pandemia é resultado de tais aspectos acima, e de que poderá ser recorrente, como vimos na última década, com uma série de novos vírus onde o novo é mais letal do que o anterior e sem a cura, ou vacina imediata até o momento. Além do que, essas vacinas sempre estarão sob o controle das indústrias farmacêuticas, que poderão atrasar suas descobertas, para valorizar seus produtos e até para se livrar dos "sobrantes" do sistema (BAUMAN, 2005).

Um segundo aspecto, da minha hipótese, é que "*a produção e a reprodução dos concebidos hegemônicos que se impõem sobre os vividos de exploração, dominação e gestão de cada um e de todos e todas",* como fundamentos (concebidos), da relação do sistema hegemônico – o capitalismo - com a natureza (meio ambiente), mas também, a nossa (enquanto sociedade), e como individualidade, em tal relação, estaria sendo colocada em xeque.

Tal concebido se impõe sobre os vividos de cada um/a e de todos/as, e de que a superação/transformação/revolução de tais relações seriam necessárias e urgentes. Para sua problematização e produção de "outras" relações deveríamos articular desde os vividos "outros" concebidos nas relações que estabelecemos com os humanos e os não-humanos (MACHADO, 2018a, 2018b). Para tanto, me apoiei em Henri Lefebvre, de que a produção não é apenas material, nas empresas ou na transformação da natureza, mas também de produção das próprias relações, dos conhecimentos e saberes, das explicações e fundamentos.

Se os capitalistas e seus estrategistas estão a incidir nisso – nas relações sociais em todos os espaços – é aí que deveremos combatê-los e ao identificarmos os fundamentos em que se apoiam, e que seus funcionários replicam, e

que buscam induzir, em nossas ações, comportamentos, pensamentos e utopias - nos contrapor individual e coletivamente com nossos pensamentos, nossos comportamentos, nossas utopias tornando-as realidade.

Mas eles são poderosos, possuem mais meios e condições para se impor, tem as armas da coerção e sofisticados meios de coesão, dinheiro, mercenários e, nos últimos tempos, sofisticados recursos internéticos de vigilância, como mecanismos de antecipação contra àqueles/àquelas que buscam a eles se contrapor. No entanto, somente como "boiada" é que eles efetivam sua dominação, seu patriarcalismo e sua colonialidade (SANTOS, 2019, 2020), e aí é que entram as religiões de fanáticos e fundamentalistas.

A rebeldia dos ambientalistas e dos cidadãos que identificam e mostram, com dados e informações, que é o modo de produzir, consumir e de destruição da natureza e dos ecossistemas para um sistema que não é generalizável, e, portanto, exigem outros modos de produzir, consumir e viver em relação não destrutiva com a natureza e os demais seres vivos, é individual, mas somente tem força se for coletiva como forma de ação (HARVEY, 2020b).

A luta das mulheres em não aceitar, questionar e lutar contra o machismo, o patriar-

calismo e o feminicídio exige dos homens, assim como entre as múltiplas relações entre as múltiplas possibilidades de relações entre os gêneros [e também, os que não se inserem em tais classificações], na superação daqueles de domínio, submissão e opressão. Se vivemos durante séculos ou milênios de domínio de alguns humanos entre e sobre outros/as, justificadores da exploração e da dominação econômica, ao buscarmos a superação e produção de outra relação com a natureza/meio ambiente não poderemos reproduzir, em nossas relações micro, a mesma relação que estamos buscando superar naquela, a capitalista e dos capitalistas.

A terra (ou o terrestre, diz Latour, 2019a) é o espaço comum de todos e todas, onde terráqueos vivem e se relacionam sob e a partir de ecossistemas terrestres, nos quais há humanos e não humanos em sua terminologia. Disso, portanto, os países ou as fronteiras são produções humanas, assim como as diferenças de riqueza e bem estar de populações no interior de uns países e diferentemente no interior de outros.

Natureza em arvores, matos, grama
Foto Carlos Machado, Fundação Serralves em Porto/Portugal, Janeiro/2020.

O desenvolvimento desigual, em que x ou y país chegaram no presente, decorreram de que no passado, mas também a partir de mecanismos existentes no presente, possibilitaram tal desigualdade entre os mesmos, assim como internamente em cada um deles. Mas, eles somente dominam, colonizam, patriarcalizam, exploram porque produzem e *re-produzem* seus concebidos (os fundamentos de suas utopias excludentes e não generalizável para todos e todas) sobre nós, sobre cada um de nós. E ao fazerem isso nos tornamos objeto deles, nos tornando agentes deles na "produção e re-produção" de seu sistema em detrimento de sermos sujeitos de nossas próprias relações no

vivido com os outros/as e com a natureza, etc. diferentes daqueles do levar vantagem, de domínio e de opressão. Ao não produzirmo-nos como sujeito, como produtores de nossa obra (relações, coisas, meios e condições de vida), somos cumplices e perpetuadores do próprio sistema que nos domina, que é o sistema deles.

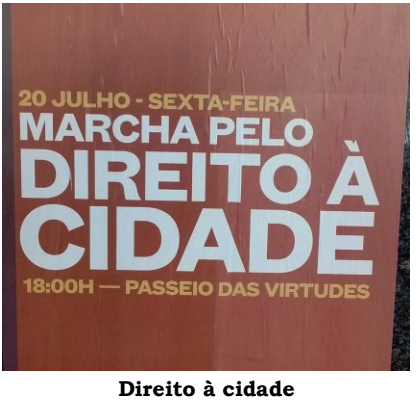
É isso que os discursos e narrativas de diferentes pensadores do sistema fazem para que, ao nos identificarmos com o que dizem (como "classe média"), sobre a pandemia, sobre a recorrente ideia do retorno ao normal, buscam nos convencer que é "uma gripezinha", que o mais importante é a economia, o comércio, o desenvolvimento. Mas, também, se utilizam do medo e da insegurança como retórica de que temos que ter cuidado no retorno, pois, ao mesmo tempo em que defendem o que não dizem – o sistema capitalista -, tem que manter suas audiências, seus públicos e leitores nos processos de produção da coesão. Também, a base material relacional de injustiça e de desigualdade, de destruição e exploração sem fim da natureza, cobram que as abstrações produzidas pelos estrategistas do consenso a elas se refiram, mas as associam as soluções aos indivíduos isolados, de cada um/a, e não coletiva e/ou em alternativa *ao stutus quo* vigente. Para eles o central é não possibilitar qualquer

questionamento ao *establischment* local, estadual, nacional e/ou global de seu sistema.

Por fim, diria que o sistema capitalista como hegemônico no sistema-mundo atual "funciona" devido as relações sociais de produção que o sustentam, que não produzidas apenas nos processos produtivos materiais (na fábrica, na empresa, etc.), onde se produzem mercadorias que vendidas são compradas e assim geram riqueza e bem estar como valores de uso em todos os espaços da sociedade. Não, o sistema de produção e *re-produção* se produzem no e através dos processos de produção do pensamento/conhecimento, nas relações que estabelecemos com os/as outros/as no dia a dia e em nossa família, na escola, enfim em todas as relações que estabelecemos. Inclusive, aqui, a questão da natureza/meio ambiente (ou dos não humanos, para ser mais amplo), também se produz e *re-produz* determinadas perspectivas e visões, práticas e utopias, para voltar ao normal de antes da pandemia.

Mas, tudo pode ser diferente, podemos construir/produzir outro "normal" radicalmente diferente do atual, onde todos e todas sejam incluídos e onde a transformação da natureza não seja para produzir coisas inúteis, destruindo-a, mas com cuidado e preservando-a, bem como priorizando alimentos sem venenos

e coisas que sejam úteis para que todos e todas possam usufruir de forma equânime. Podemos começar pela cidade, pelo bairro, por nossas próprias relações e em nossos vividos!



Direito à cidade
Foto Carlos Machado, Porto/Portugal, 2019.

Mas, para isso os paradigmas da regulação, da hegemonia do capitalismo – sejam as ideias, as utopias dos liberais, populistas e iliberais, assim como muitos dos críticos a estes – que têm nos concebido a prioridade sobre os vividos, sobre a vida, sobre o cotidiano concreto das relações em que vivemos aqui, neste momento, devem seu problematizados e superados.

E é isso que a quarentena, ao fazer com que nossas relações mais cotidianas, vividas com outros/as de nossa família, filhos/as, mãe, pai, namorada, companheira/a, etc. se impusessem sobre nós, possibilita. Mas disso, perguntaria:

> - O que é importante de fato para mim, para ti?
> E se amanhã voltarmos ao dito normal, perguntaria:
> - Seria ético, justo, teria valido a pena todo o período de quarentena para voltarmos ao sistema de morte, um sistema de destruição, trabalhar como trabalho, e onde trabalho para morrer com um vírus criado pelo sistema deles?
> - Diante do que passei, que estou passando, continuarei sendo "boiada" ou me tornarei sujeito do meu fazer, do pensar, das relações que estabelece com outros/as e com a natureza de forma diferente, solidária, colaborativa, com cuidado?

Produzirei obras, deixarei obras e um mundo melhor para todos e todas ou no meu egoísmo e ânsia de mais e mais serei apenas um objeto deles?

Portanto, se os concebidos e seus fundamentos aqui discutidos são relevantes, o central de fato deveria ser o que cada um de nós,

e juntos, faremos para mudar desde nossos vividos, em alternativa ao existente e, ao mesmo tempo, produzirmos juntos um local diferente em nossas cidades e bairros no pós covid-19. E isso, deverá ou poderá começa já hoje, em nossos cotidianos vividos ao efetivar nesses espaços novas relações, ou potencializando as relações do outro "mundo" possível, para depois se espraiar para todos os espaços e relações humanas e com os não humanos que estabeleçamos.

Haverá resistência, mas também haverá luta!

OS CONFLITOS NA CENTRALIDADE DOS PROCESSOS EDUCATIVOS[53]

Carlos R. S. Machado
Tainara F. Machado[54]

Em reflexões anteriores (MACHADO e MACHADO, 2017, 2020) já argumentamos que a temática dos conflitos não só está presente em reflexões de Paulo Freire, como é a "'outra face' do diálogo". Dizíamos, ainda, que "o conflito emerge quando os "debaixo" mobilizam-se contra situações de opressão, desigualdade e injustiça perpetradas pelos opressores". E essa ressalva dá-se, pois, ao identificarmos que muitos autores que se referenciam em Freire deixam de

[53] Uma versão ampliada e mais profunda desta reflexão está no prelo para publicação na quarta publicação do Observatórios dos Conflitos do Extremo Sul do Brasil no segundo semestre de 2020.

[54] Tainara F Machado, Doutoranda em Sociologia – Universidade do Porto/Portugal, Mestra em Educação pela UFRGS, Licenciada em Pedagogia pela UFRGS. Pesquisadora voluntária no Grupo de Estudos Educação, Trabalho e Conhecimento coordenado pela Profa. Dra Maria Clara Bueno Fischer.

lado este tema ou lhe dão pouco destaque. No entanto, o conflito está presente desde o início dos processos educativos (seja na linguagem, na construção do indivíduo, nas perspectivas de sociedade, da história dos processos de ensino, nas políticas públicas de educação, etc.). E, nesse sentido, as mobilizações que mapeamos e estudamos no Observatório dos Conflitos, ou àquelas dos movimentos sociais populares, como o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), dos Movimentos por Moradia ou Teto (MTST); de ocupações (RODRIGUES, COSTA e MACHADO, 2019) tendo os temas terra, casa/teto, ensino/educação/formação com elementos de sua unidade e luta.

Mas, é mais do que isso, pois os significados dos conteúdos específicos de suas lutas, ao se desenvolverem na ação, produzem efeitos políticos por este processo educativo em todos/das que aí participam. Em seu interior, certamente, não há homogeneidade, há diferenças, visões e perspectivas diferentes, mas todos e todas se unem na ação contra a injustiça perpetrada pelos "antagônicos" que bloqueiam, impedem ou causam as mesmas.

Nossa hipótese é de que uma educação que tenha como utopia a "democracia sem fim" é incompatível com o capitalismo, e, portanto, com a ordem e o sistema atual que perpetua a

opressão (pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcalismo – SANTOS 2019; 2020). Contudo, para isso, deveremos considerar que o conteúdo, bem como os processos de aprendizagem/produção do conhecimento, e, portanto, as próprias relações de ensino/educação/formação nos processos produtivos, devem sempre partir das necessidades básica dos envolvidos na superação das condições de injustiça e de desigualdade, vividas como parte de um processo educativo mais amplo que se produz e reproduz, para mudar/transformar ou manter/sustentar o existente, em todos os espaços das relações sociais[55].

> A nova luta democrática, enquanto luta por uma democracia redistributiva, é uma luta antifascista, ainda que ocorra num campo político formalmente democrático. [...] não tem que assumir as formas que assumiu a anterior, contra o fascismo de Estado. Mas também não pode limitar-se às formas de luta democrática que se consagram no Estado democrático. [...] criar novas constelações de lutas democráticas que

[55] Quando falamos em educação estamos nos referindo aos aspectos mais amplos deste fazer relacional entre os humanos, e não ao seu aspecto restrito, que chamaríamos de ensino-aprendizagem, ou instrução.

> tornem possíveis mais e mais amplas deliberações democráticas sobre aspectos cada vez mais diferenciados da sociabilidade. É neste sentido que tenho vindo a defender o socialismo como democracia sem fim" (SANTOS, 1998, In: MACHADO, 2015).

... Mas, destacamos, ainda, que há duas nuances que devemos considerar em tais processos educativos. Um deles é aquele que se desenvolve no momento do conflito, da ação rebelde ou rebelião dos "debaixo"[56]; outro momento, consequentemente, é aquele do processo educativo que se desenvolve/ocorre em momentos cotidianos (da cotidianidade, GARCIA, 2014; LEFEBVRE, 1973, 2002, 2019) que é alienada/alienante, submersa no consenso, produzido pelas estratégias de guerra cultural dominante (DARDOT E LAVAL, 2016). Em contraposição a esta cotidianidade programada e induzida (CHOMSKY, 2013; 2018), será exigido um "trabalho de formiguinha" de produção, criação, constituição da auto-

[56] Destacado na obra de Claudio Nascimento (2019a, A Autogestão Comunal); mas também nos movimentos sociais populares por teto/moradia, terra, ensino, etc. acima referidos; também o são os conflitos que mapeamos no Observatório dos Conflitos do extremo sul do Brasil, no Uruguai e em Portugal.

organização coletiva, desde baixo junto aos oprimidos em cada um dos espaços (escola, produção e território) da cidade, para que se levantem contra a opressão.

Contexto e ponto de partido da reflexão e do diálogo

Na última década, muitos países da América Latina foram governados por partidos e alianças progressistas, com caráter demoratizantes e de distribuição de renda e políticas aos mais pobres e excluídos, como exemplo a Argentina, a Venezuela, a Bolívia, o Paraguai, o Uruguai, o Equador, etc. e, assim, se contrapuseram às políticas neoliberais e reestruturativas, que predominaram na região nos anos 1990, em muitos países governados por conservadores e liberais[57]. No entanto, apesar

[57] No Brasil, tais políticas neoliberais retornaram após o golpe de 2016 em Dilma Rousseff, que tinha sido eleita em fins de 2014, por Michael Temer que "preparou o terreno", junto com os Estados Unidos da América, mídia e empresários, ao demonizar a esquerda e os governos "progressistas" à eleição de Jair Bolsonaro. Em 2020, com o avanço do coronavírus, a destruição neoliberal das políticas públicas, assim como dos sistemas públicos de saúde, muitos destes sucateados ou privatizados, estão a deixar "nu" a irracionalidade das políticas neoliberais e privatistas.

dos aspectos positivos de tais políticas, os governos progressistas, seja no âmbito da relação com a natureza, seja na indução da criação e produção de "outras" relações de trabalho, foram muito limitados em suas ações, quando não subordinadas ou deixadas ao bem querer do "mercado" (BENZA e KESSLER, 2020)[58].

Leonardo Boff[59] afirmou que os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) criaram consumidores, ou seja, inseriram populações no consumo e não em espaços de cidadania, de participação e de construção de um projeto nacional e participativo. Isto porque vivemos num país que está entre os mais desiguais do

---

[58] Questões que devem ser retomadas e discutidas, para não cairmos nos erros do passado e das alianças com as opressões de ontem e de hoje. (BENZA, Gabriela e KESSLER, Daniel.2020).

[59] Diz Boff: "a esquerda tem de renovar a linguagem e as formas de se dirigir ao povo"; "fica claro com a posição do MST: criticava duramente o governo Lula por não fazer a reforma agrária"; "A estratégia das oligarquias e seus aliados, com o apoio hoje reconhecido dos organismos de segurança norte-americano é desestabilizar, a nível mundial e também no Brasil, todos os governos progressistas que tenham uma orientação social e destruir a figura de Lula". Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/26/politica/1495833522_994721.html>. Acesso em: 03/04/2020.

Planeta, e com uma classe dominante e asseclas que vivem e pensam como se ainda estivessem no tempo da escravidão, e alguns nos tempos das cavernas na sua relação, com parcelas da população em nosso país.

As políticas de tais governos, também, no relacionado à natureza e à exploração dos bens naturais, tiveram (e tem) a mesma perspectiva de governos neoliberais que assim se mantiveram (ex.: Colômbia e Peru). Tanto no Brasil e como no Uruguai (MACHADO C. RS, VARELA, 2015) predominou o que Maristela Svampa chamou de "consenso das commodities" (2012, 2016). Ou seja, a exploração da natureza (recursos, águas, terras) através da mineração, do agronegócio, da exploração mineira e petroleira ocorreu da mesma forma que nos governos neoliberais em nome do progresso, do crescimento e da geração de empregos.

No caso das políticas de geração de emprego e na produção macroeconômica, predominou a gestão ao bom funcionamento do "mercado", das relações de trabalho capitalistas (MACHADO; TORTELLI, 2018), além do pouco incentivo em recursos na indução de outras formas de produção (na cidade e no campo). Predominou, ainda, o incentivo ao agronegócio com vistas aos superávits, aos automóveis (símbolo de status), assim como tantos outros

bens de consumo. Depois do golpe de 2016, os espaços produtivos alternativos, como aqueles do MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra) ou da Economia Popular e Solidária, que antes tinham auxílio de propostas, editais e concursos via a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), até então gerida pelo professor Paul Singer, pouco ou nenhum recurso receberam, extinguindo as atividades de educação/formação da secretaria por falta de recursos em abril de 2017 (MACHADO, 2017). Inclusive percebeu-se que, nos últimos anos do governo de Dilma Rousseff, o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) já tinha assumido o controle e a direção da Secretaria, ou seja, a lógica capitalista adentrava os espaços dos empreendimentos e empreendedores solidários.

No entanto, os estrategistas norte-americanos iniciaram sua ofensiva contra os governos progressistas devido as gestões exitosas em muitos aspectos muito antes de 2016. E, com o sinal de alerta da crise de 2008 ao evidenciar a falácia do neoliberalismo e de sua globalização especulativa, mas também devido a seus limites de tais governos, como aqueles evidenciados nas revoltas de 2013, tais ações foram potencializadas. E, quando o governo Dilma começou a ser ameaçado, não havia força

popular construída e organizada e fontes de informações alternativas (em contraposição ao bombardeio da mídia tradicional capitalista!) para se contrapor à guerra híbrida dos estrategistas norte-americanos, da direita brasileira e dos golpistas (KORYBKO, 2018; FREITAS. 2019; SNOWDEN, 2019; MOROZOV, 2018). Não sendo mais necessário às classes dominantes atuais, estas articularam-se com a oposição e com grupos financiados do exterior[60], que vinham constituindo na última década uma extensa rede de institutos neoliberais, para derrubar o governo progressista[61].

Assim, os mesmos grupos sociais que se beneficiaram destas políticas (do agronegócio, de mineradoras, de construtoras, de bancos, etc.) articularam-se a tais grupos liberais e

---

[60] Rede Atlas que financia MBL e outros grupos fascistas. Disponível em: <https://limpinhoecheiroso.com/2018/04/02/o-mbl-e-um-grupo-de-papelao/; ou ainda, abordada de forma mais ampla e documentada, disponível em: <https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>. Acesso em: 16/04/2018.

[61] As nomeações de liberais por Dilma, depois da eleição de 2014, acenando para a direita e o empresariado, levou a perda de apoiadores no movimento social e sindical, bem como dentro do próprio PT.

neoliberais, e ainda a outros fascistas, para a derrubada, o golpe, de Dilma Rousseff; bem como o desmantelamento das "tímidas" políticas positivas que foram desenvolvidas nos 13 anos de governo do PT. No caso do Uruguai, a tentativa de instalação de uma mineradora (Aratiri), que teve como consequência um levante contra da população, na costa de Rocha, no interior do país e em Montevidéu, fez com que, gradualmente, houvesse recuo do governo em relação ao projeto estabelecido em 2015 (MACHADO, 2015; SANTOS *et all*, 2015), mas também dos apoios ao governo. Além disso, projetos contaminantes, como do agronegócio, da privatização da água (SANTOS, TAKS, et.alli, 2014), *papeleiras*, etc. levou que a gestão progressista fosse "apeada" da gestão por um liberal de direita, com apoio das elites do campo, da cidade e dos militares em 2020.

A educação entre a ordem e a harmonia x paradigma do conflito

A educação desenvolve-se nas sociedades ocidentais em diferentes espaços, como a conhecemos, desde a modernidade capitalista, como forma de exercício de indução dos poderes instituídos sobre suas sociedades (STOER, 2008; STOER E MAGALHAES, 2005). Em nosso país a

educação pública teve aspectos diferenciados e excludentes até recentemente, já a educação mais ampla dá-se via exclusão, repressão, e "bala" e predomina de cima para baixo (FERNANDES, 1991) como parte da dominação e opressão desde 1500.

> Assim, considera que a modernidade ocidental se impõe a partir dos séculos XVI e XVII, como um ambicioso e revolucionário paradigma sócio cultural, baseado numa relação de intensa inquietação entre a regulação e a emancipação social. Em meados do século XIX, a ascensão do capitalismo em convergência com o paradigma da modernidade, promove um longo processo histórico de degradação entre a regulação e a emancipação, que se caracterizou pela gradual e crescente transformação das energias emancipatórias em energias regulatórias e consequentemente na crise do paradigma. (SANTOS, 2002, In PIEPER e MACHADO, 2020).

Ao inserirmos a educação e o educador bem como suas relações com os educandos/as no debate dos "paradigmas societários" de Boaventura de Sousa Santos (1996; *in* PIEPER e MACHADO, 2020), poderíamos considerar dois

grandes campos epistemológicos em conflitos: de um lado o paradigma da ordem, do sistema, da harmonia, das verdades sistêmicas do capitalismo, e, portanto, justificador da sociedade desigual e injusta, de dominação e de destruição ambiental na realidade brasileira (e que se mantém, e se reproduz e permanentemente); de outro, e ao contrário desse, o paradigma emergente, o alternativo, o instituinte, dominado, cerceado em seu desenvolvimento pela repressão, pela religião, pelo patriarcalismo e pelo militarismo.

Um ponto de vista e/ou a utopia que objetiva manter, sustentar, conservar, preservar e dar continuidade à ordem do "sistema realmente existente" através do paradigma tradicional (dominante e/ou hegemônico[62]) de efetiva os espaços escolares mas também no âmbito da sociedade como um todo.

---

[62] Hegemônico não significa homogêneo, ou seja, há diferenças e disputas entres os grupos das classes dominantes, como na atualidade, em parte dos ditos liberais x os conservadores de extrema direita.

A Educação Sutil
Foto Carlos Machado, Metro em Porto/Portugal, 2020.

O paradigma instituído da ordem, da exploração da natureza e seu controle pelos humanos para o consumismo capitalista, se baseia em enfatizar "verdades", e de que o mundo funciona baseado em leis, defende (ou acredita) uma relação "natural" entre as pessoas, pois tem o indivíduo e seus egoísmo como central

em tal perspectiva[63], assim como com o meio ambiente/natureza. Mas, também que a natureza e os demais seres vivos estão aí para a exploração, controle e domínio dos humanos, de forma infinita.

De outro ponto de vista, e da utopia em conflito contra tal paradigma hegemônico e seu sistema, Santos intitulou de paradigma emergente (SANTOS, 1996). Este teria um sentido contrário àquele, de criação e da produção de "obras" sob controle dos que produzem, da crítica à exploração, à dominação, à destruição da natureza e aos limites planetários (PASSOS e MACHADO, 2018). Nessa perspectiva, a construção de espaços de autogestão no educativo, nos espaços de produção, e nos territórios deveria fazer parte da discussão das políticas e da gestão das cidades, em contrapartida à evidente ação que os capitalistas e os seus teóricos buscam, de perpetuação do seu sistema em todos os espaços da sociedade e das relações sociais de produção[64], assim como com a natureza.

---

[63]É o que pregam alguns destes pensadores como Ludwig Von Misses e Ana Rand, por exemplo.

[64] No entanto, "não é apenas toda a sociedade que se torna o lugar da reprodução das relações sociais de produção, e não já apenas dos meios de produção" [...] "massa é todo o espaço" que apropriado e trans-

Boaventura de Sousa Santos (1996)[65], em Porto Alegre, quando dos governos da administração popular (1988-2004, MACHADO, 1999, 2005), intitulada Para uma pedagogia do conflito, diz que o tempo paradoxal, de mutações vertiginosas "produzidas pela globalização, a sociedade de consumo e a sociedade da informação", da "teoria do fim da história", seriam alguns dos aspectos do contexto daquele momento, e da necessidade de uma pedagogia

---

formado. Por outro lado, o "espaço social natural é destruído e transformado num produto social pelo conjunto das técnicas, desde a física à informática" (p.247); em parte, mas no mesmo sentido, é o que defende João Bernardo (Economia dos Conflitos Sociais, São Paulo: Expressão Popular, 2009): "concebe o modo de produção e suas forças produtivas como relações sociais capitalistas fundadas na exploração da força de trabalho e na extração da mais-valia. São *as relações sociais de produção capitalistas* que plasmam *as forças produtivas* e não o contrário" (Ricardo Antunes, p.14). Henri Lefebvre vai além, pois afirma que é no espaço todo, e não somente nos processos de extração de mais valia que se produz e reproduz as relações sociais de produção capitalistas (*A Produção do Espaço*. Espanha: Capitão Swing, 2019).

[65] Parte incluída na reflexão a partir dos estudos e debates na disciplina de metodologia-ação, desenvolvida por Carlos RS Machado e Humberto Tommasino (professor da Universidad de La República) no Programa de Pós-Graduação em educação ambiental (FURG), 2019.

dos conflitos. No entanto, mais recentemente, diz que:

> A pedagogia do conflito social é mais difícil hoje do que há quarenta anos, e as instituições existentes vão se organizando de modo a bloqueá-la totalmente. Daí que, no plano institucional, as epistemologias do sul devam assumir uma identidade diatópica, mantendo um pé nas instituições existentes, com o objetivo de as transformar, e outro é em novas instituições criadas à sua imagem (SANTOS, 2019).[66]

Diria Santos (1996) naquele momento, mas também hoje, ainda mais, diríamos nós, "pelo menos transitoriamente, há que buscar energias progressistas sobretudo no passado" (p.16), e disso, ser necessário uma "outra teoria da história que devolva ao passado a sua

---

[66] SANTOS (2019, 349-374, cap.11) discutindo a Epistemologia do Sul, e neste capítulo uma pedagogia-ação (Paulo Freire) e Investigação-ação (Fals Borda), dois pilares de sua reflexão. Sobre a relação institucional e não institucional e dos limites e possibilidades desta relação na ação contra hegemônica, desde e a partir dos movimentos sociais autônomos ao governo de esquerda e popular ver MACHADO (1999, 2005).

capacidade de revelação, um passado que se reanime na nossa direção pela imagem desestabilizadora que nos fornece do conflito e do sofrimento humano" (p.17). E será dessas imagens desestabilizadoras, "que será possível recuperar nossa capacidade de espanto e de indignação e de, através dela, recuperar o nosso inconformismo e a nossa rebeldia"; e de que, nesses aspectos, estaria o "cerne de um projeto educativo emancipatório" (SANTOS, 1996, p.17).

Para o autor, o "objetivo principal do projeto educativo emancipatório consiste em recuperar a capacidade de espanto e de indignação e orientá-la para a formação de subjetividades inconformistas e rebeldes"; no qual o

> [...] conhecimento é [seria, autores] uma pratica social de conhecimento, ou seja, só existe na medida em que é protagonizado e mobilizado por um grupo social, atuando num campo social em que atuam outros grupos rivais protagonistas ou titulares de formas rivais de conhecimento. (SANTOS, 1996, p.17)

Seria um "projeto de aprendizagem de conhecimentos conflitantes com o objetivo de, através dele, produzir imagens radicais e

desestabilizadoras dos conflitos sociais em que se traduziram no passado, imagens capazes de potenciar a indignação e a rebeldia" (SANTOS, 1996, p.17). Portanto, uma "educação para o inconformismo, para um tipo de subjetividade que se submete a uma hermenêutica de suspeita a repetição do presente, que recusa a trivialização do sofrimento e da opressão e veja neles os resultados de indesculpáveis opções" (idem, p.18).

Nesta,

> A aprendizagem da conflitividade dos conhecimentos tem que ser ela própria conflitual", mas não deveria se assentar apenas "nas ideias já que as ideias deixaram de ser desestabilizadoras", mas também, em "emoções, sentimentos e paixões que conferem aos conteúdos escolares sentidos inesgotáveis"; e de que tal saber "não existe separado das práticas que o confirmam" (SANTOS, 1996, p.18).

O fazer docente em processos educativos (ensino ou instrução) tradicionais desenvolvem-se com determinados objetivos que se relacionam a determinado conteúdo a serem trabalhados, com métodos específicos na relação

educativa pelo educador/a. Contudo, mesmo que de forma não visível, no cotidiano, é mais do que isso, pois como o/a cidadã/o age, através de seu fazer educativo, social, ambiental e político num determinado território, inserido num contexto extra espaço de trabalho e de estudo, que faz parte de todo o seu viver. Por mais específicos ou gerais que sejam os objetivos, eles se relacionam a determinados pontos de vista (BOURDIEU, 2002) que o/a guiam ou orientam sua utopia buscada pela ação que desenvolve junto aos seus educandos/as, em determinados contextos concretos e dado momento histórico (REBELLATO, 2009) [67].

---

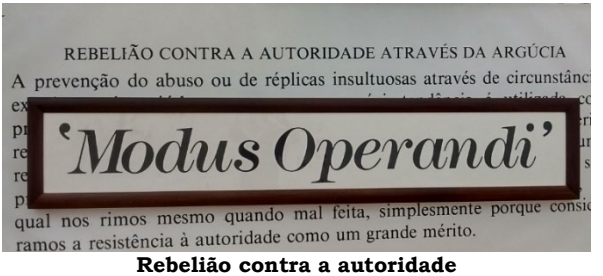
[67] "José Luis Rebellato nació en la ciudad de Canelones, Uruguay, en el año 1946, primer hijo de una familia católica. A los 14 años ingresa a cursar estudios al Seminario de los Salesianos donde se definiría su vocación de servicio a la sociedad y compromiso con los cambios sociales. En la Universidad Pontificia Salesiana de Roma obtiene su Doctorado en Filosofía en 1969, bajo la dirección de Giulio Girardi, con quien se formó en una perspectiva filosófica teológica comprometida socialmente e inspirada en el diálogo con el ateísmo, y en un marxismo influenciado por el pensamiento de Antonio Gramsci" (da Coletânea da Udelar). Disponível em: <https://bibliotecalibreonline.wordpress.com/jose-luis-rebellato/>. Acesso em: 25/05/2020.

A educação para e desde os conflitos

O mundo e as relações sociais [e destas com a natureza], na perspectiva funcionalista, diz José Luis Rebellato são "una totalidad armónica", e, como tal, relaciona a "conduta desviada o conflictiva de 'anomia', sin ley, sin restricción alguna"; seu ideal de "sociedad és de una" sociedade de ordem, harmonia, paz, e sem conflitos. Diz que "el orden del ser y de lo que permanece, constituye la esencia misma de las cosas. El movimiento es tan sólo un fenómeno accidental" (2009, p.167, da coletânea) na perspectiva funcionalista, a qual tem uma ética: uma "ética de la armonía".

Em tal ética, da dominação e da opressão, diríamos nós, seu ideal é a verdade, que "es alcanzado por aquel acto intelectual que reproduce la realidad em sí, desposeído de toda participación del sujeto". Disso, portanto, é também uma ciência da objetividade, onde a "subjetividad como elemento dinámico del acto cognoscitivo" desaparece; pois a "ciencia é a negación de la subjetividad" (idem, p.168). Do ponto de vista individual e da formação de sua personalidade, as mesmas são impactadas e induzidas desde fora, e desde uma perspectiva de "personalidad centrada en la armonía, su vocación vital radica en la adhesión a una norma

exterior interiorizada a través de la consciencia" (p.168); onde a verdade científica e objetiva "conducen consecuentemente a una práctica social sin conflictos" (REBELLATO, 2009, p169).



Rebelião contra a autoridade
Foto Carlos Machado, Porto/Portugal, 2020.

Mas, se consideramos que "no todas las necesidades básicas de los hombres se encuentran satisfechas" (p.169), que há injustiças, desigualdades absurdas, miséria, exclusão, contaminação, pessoas sem casa, sem emprego, sem renda, enfim, desigualdades sociais e ambientais, então haveria necessidade de justiça ambiental e social.

Se as perspectivas funcionalistas (ou outras denominações a ela assemelhadas) partem da ideia, do pensamento, para impor uma objetividade falsa em sua relação com este "real relacional", social e material, desigual e

injusto; as alternativas devem/deverão partir do contrário, desse "real relacional" e não do individual ou identitário, das "necesidades sentidas o de la necesidades inmediatas para que los grupos encuentren satisfacción en las mismas [de las mismas, autores]", de estas necesidades básicas no satisfeítas o "incumplidas" (p.169), e não apenas a denúncia delas.

Por outro lado, a satisfação imediata pode contribuir para a adaptação, a correção das "disfuncionalidades" da sociedade (seus desvios), e a inclusão de "los marginales, de los pobres, dos que se desviaram", etc. poderia contribuir aos "valores aceptados por el consenso social", e assim se conformariam as "normas e valores que constituyen la 'moral de la sociedad'" (REBELLATO, 2009, p.170). Em alternativa a tal pratica e perspectiva de incluir de forma subordinada e subalterna aqueles que vivem necessidades básicas insatisfeitas, e diríamos mais, aqueles que vivem na e em condições de vida desiguais, os conflitos como mote do fazer, do educar e do produzir seus conhecimentos poderiam ser indicadores e ponto de partida na discussão da/na superação de tais condições/ problemas.

Considerações finais

Paulo Freire dizia ser o Brasil uma sociedade em que as relações de ganância e poder a caracterizam, que ficaria/seria difícil uma sociedade baseada no amor e na solidariedade. Isso se deve principalmente à profunda desigualdade social, que significa injustiça social. Essa situação que é estrutural, pode ser expressa no fato de que 0,05% da população (71.440 supermilionários)[68] controlam mais da metade de nosso PIB. Se um Estado é injusto, ele não pode gozar de paz nem produzirá relações humanas fundadas na solidariedade e no amor.

Florestan Fernandes (1991) ressalva que o exercício do poder dominante no Brasil se efetivou atrás da "bala", da escravidão, da negação da existência do negro, do índio, da afirmação de uma "mestiçagem a unificar a nação", de um só povo, o povo brasileiro[69], da

---

[68] BOFF, Leonardo. 2017, El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/26/politica/1495833522_994721.html>.
Acesso em: 03/04/2020.

[69] No vídeo da reunião do governo Bolsonaro de 22 de abril, liberado pelo STF, o Ministro da educação expressa seu ódio aos negros, índios, quilombolas, etc. "os polos" diz ele, pois só existe o povo brasileiro,

homofobia, do machismo e do patriarcalismo (SCHWARTZ, 2019) onde se "consolida uma profunda e entranhada desigualdade", naturalizada pelos autoritários que aqui vegetam desde os tempos coloniais.

Lilia Schwartz (2019, p.22) diz haver pressupostos na história brasileira, entranhados no senso comum, mas diretamente relacionada à dominação e à opressão, diríamos nós, que promovem a negação dos conflitos. Isto porque estes seriam um indicador da inconformidade com os problemas e das lutas dos "debaixo", mas que ocorrem há mais de 5 séculos no país. O primeiro pressuposto seria de que o Brasil é "um país harmonioso e sem conflitos"; o segundo, de que os brasileiros seriam "avessos a qualquer hierarquia", e que responderiam às "adversidades com informalidade e igualdade"; o terceiro, de que "somos uma democracia plena, na qual inexistiriam ódios raciais, de gênero ou religião"; e o quarto, que "nossa natureza seria tão especial, que nos asseguraria viver num paraíso. Por sinal, até segunda ordem, Deus (também) seria brasileiro" (2019, p.23). A autora discute e desmonta todos esses mitos, produzidos e reproduzidos permanentemente

---

diríamos ser um exemplo atual de tal arrogância e desprezo por tais grupos sociais.

nos processos educativos, nas reuniões sociais, nas igrejas, etc., mas que, quando necessário, as forças da ordem assumem o poder para colocar as "coisas nos trilhos".[70]

Portanto, diante de tais questões e dos golpes preventivos das classes dominantes por seus "capitães do mato", diríamos que há um processo de produção da não participação, da aceitabilidade e conformismo, que é produzido e reproduzido por todas as instituições existentes e constituídas na sociedade e no Estado brasileiro. A superação disso exigirá um trabalho hercúleo junto às classes e grupos sociais mais desfavorecidas e que não tem nada a perder, a não ser suas correntes.

---

[70] De 1500 a 1880, o Brasil e seu povo vivem sob a escravidão, onde pequenas elites e asseclas assim como seus jagunços exerciam a "ferro e fogo" o poder, a exploração, da dominação e a opressão dos demais; a república em 1889, emerge de um golpe militar; a "questão social" nas primeiras décadas do século XX eram caso de política, coisas dos imigrantes "anarquistas"; mas, em 1911, os marinheiros se rebelam contra a chibata nos navios; em 1930, e 1937 novo golpe, primeiro eleitoral das oligarquias capitaneadas por Getúlio Vargas (Inspirado em Hitler e Mussolini), depois como ditador até 1945, quando militares assumem o poder em novo golpe; depois, tentativa de golpe nos anos 1950, e suicídio de Vargas, e novo golpe em 1964 até 1989; e de novo em 2016, em nova modalidade.

Foi por isso que afirmamos que o governo brasileiro nas gestões progressistas, ao se aliarem às "velhas" classes dominantes (ou pelo menos parte delas), ficou impossibilitado de desenvolver ações políticas e pedagógicas que induzissem a autonomia, a autogestão, o fortalecimentos de organização e de debate público das contradições e interesses que atingiriam seus aliados. Ou seja, àqueles que se beneficiavam (do agronegócio, da destruição ambiental, dos megaeventos, os bancos, as montadoras de automóveis, etc.) da realidade de injustiça e de desigualdade para grandes parcelas da população que aqui vivem desde a invasão portuguesa. E isso ocorre também no nível municipal, onde a experiência de Porto Alegre e suas possibilidades e limites foi relegada a história, pois não mais referência aos próprios petistas, como processo educativo de produção de uma alternativa ao capitalismo, a partir e desde o local como processo de produção da uma "democracia sem fim" substantiva em nosso país. Depois da assunção à gestão em Brasília, muitos se institucionalizam às benesses do "poder"; outros institucionalizaram as políticas e o fazer político; outros perderam a esperança, mas ainda muitos estão a lutar pela esquerda, pela democracia, e na organização popular. Esses e outros, com outros grupos, coletivos,

movimentos sociais e partidos, assim como nós, devem aprender e apreender com estes acertos e erros, com as possibilidades e os limites de tal experiência.

E, para tanto, deveremos agir, o nosso *sulear*[71], desde e junto com os que são explorados em seu trabalho e recebem menos do que produzem, entre e com os humilhados e dominados, pois necessitam recursos financeiros para sobreviver; e/ou junto daqueles que não têm trabalho e que produzem alternativas de viver e de sobreviver; daqueles que vivem de migalhas e restos dos outros ou que são contaminados por "empreendimentos" empresariais, hidroelétricas, mineradoras, agronegócio; os desalojados com o apoio de jagunços ou pelas "forças da ordem"; daqueles que não tem casa, que vivem em barracos ou barracas em beira de estradas, pois não tem um terreno para construir sua casa; ou ainda que não possuem uma pequena terra para produzir alimentos e meios de subsistência; e/ou que estão/são excluídos, invisíveis para as políticas públicas – são estes, serão estes, que vivem e sofrem os

---

[71] *SULEAR* para não dizer nortear (pois não é o norte, e muito menos os EUA nosso horizonte; e nem orientar, pois também não o é a China. E desde o sul, desde uma perspectiva *decolonial* (ANIBAL QUIJANO, 1997) dentre outros/as que nos guiamos nesta utopia.

potenciais a serem envolvidos nos espaços em e desde suas necessidades, que poderemos, junto com eles, produzir, criar, transformar suas condições e, no processo, ir produzindo a superação da abjeta dominação e opressão que todos vivemos em nosso país.

Retomando as reflexões de Paulo Freire[72], e de outros, os quais sintetizam nossas contribuições como Ernani Maria Fiori que diz que "a pedagogia da classe oprimida deveria ser uma pedagogia delas e com elas, não uma pedagogia para elas e muito menos sobre elas ou de adaptação delas" (FIORI, P.9, In FREIRE, 1970). E Paulo Freire de que a "pedagogia do oprimido é aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele" (FREIRE, 1970, p.32). Os oprimidos não são "objeto", não se pode "fazê-los objetos e aliená-los de suas decisões" (p.74), isso porque "há conflito entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito a palavra e os que acham legados deste direito" (p.79).

---

[72] Apesar de ser "Confuso, feio e não tem resultado positivo", diz Weintraub sobre Paulo Freire. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>. Acesso em: 15/03/2020.

Portanto, o

> [...] que temos que fazer, na verdade, é propor ao povo [na escola, na vila/bairro, no coletivo de trabalho, nos grupos de mulheres, entre os precários, etc. os autores], através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível individual, mas também, no nível da ação (idem, 1970.p.86).

Das pesquisas realizadas até o momento, e na perspectiva da justiça ambiental dentro do campo da educação e da educação ambiental, nos levaram à ideia da necessidade de uma teoria da ação dos oprimidos (FREIRE, 1986; MACHADO E MACHADO, 2017) que deverá se orientar por tais parâmetros, perspectivas e desde e a partir dos próprios oprimidos. Nos, e desde os espaços acadêmicos, é possível fazer algo, mas há aí limites, e as potencialidades maiores estão fora desses espaços, pois, diante da desigualdade e opressão que vive a maioria da população brasileira, os que aí estão são privilegiados e muitos/as devem ser conquistados para as tarefas de

“formiguinha”, de aprendizagem e do debate na contramão da verdade, da obediência e da submissão; nas atividades de extensão poderão e deverão ser exercícios concretos deste fazer, de que os de fora adentrem no espaço universitário, e dele transborde ações e atividades junto aos bairros e vilas da cidade, na produção de embriões de autogestão via a produção pelos próprios atores sociais de solução de seus problemas e na exigência àqueles poderes públicos que tenham responsabilidade para tal. Criar laboratórios, socialização de práticas e de experiências educativas, produtivas, organizacionais, de solidariedade de trocas entre rebeldes de todas as cores deverá ser a palavra de ordem nesses espaços, institucionais e extra institucionais.

Por fim, partir criticamente, da relação entre a realidade (considerando que o real é relacional, Bourdieu) conflitiva e cheia de problemas para as maiorias decorrentes da desigualdade social e ambiental existentes, já pressupõe uma ética neste posicionar; o qual buscará então desacomodar, promover (por parte deste educador/a) a identificação das contradições e interesses em disputa, em cada situação e momento do processo educativo; na identificação de quem se beneficia (ou causa) a/da desigualdade, da contaminação ou da

destruição ambiental. Mas, também, nos espaços educativos se pode possibilitar meios e condições para que a autogestão se produza nesses, seja nos espaços escolares formais, mas também nos processos produtivos (economia solidária), e se produza a significação e a produção seja resultados de sua "obra" sua, de cada um/a e coletiva (HESS, 2005).

Da produção de indivíduos criativos e sujeitos de suas obras, autogestionados por si e coletivamente nas ações comuns de superação da injustiça e da desigualdade, da opressão e da dominação em todos os espaços como processos educativos contra hegemônicos acreditamos que poderemos avançar por diferentes flancos à gestação da autogestão territorial (no uso, produção de significação) da e na cidade como embriões da autogestão comunal (PASSOS e MACHADO, 2018; NASCIMENTO, 2019a, 2019b).

Portanto, tais ações e processo educativo partem das necessidades mais básicas (GARCIA, 2014) daqueles impactados negativamente pela ação dos opressores, exploradores, dominadores de todo tipo, inclusive nos processos educativos em todo âmbito social, escolar e territorial. Tal utopia deverá caminhar rumo ao direito à apropriação da cidade, em contraposição à

cidade da mercadoria que vive na atualidade em todos espaços e relações (MACHADO, 2020)[73].

[73] Projeto de Pesquisa – 2020-2024 de Carlos RS Machado, intitulado provisoriamente de *O vivido, o concebido e u-topia da e na cidade: Reflexões sobre política, natureza e cidade*, 22 maio de 2020.

ECOSSOCIALISMO, UMA IDEIA CUJO TEMPO CHEGOU[74]

João Camargo[75]

A Humanidade é hoje atormentada por várias crises: uma crise de saúde pública, uma crise económica, uma crise financeira, uma crise da natureza, uma crise climática. Os vários fios

[74] Artigo originalmente publicado no jornal O Público de Portugal. Reprodução do artigo com autorização do autor, mantendo a escrita de Portugal. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/01/opiniao/opiniao/ecossocialismo-ideia-cujo-tempo-chegou-19104291>. Aceddo em: 1/04/2020. Também disponível em: <www.esquerda.net>. Acesso em: 08/04/2020.

[75] João Camargo. Licenciado em Engenharia Zootécnica, Mestre em Engenharia do Ambiente e Produção Animal (Instituto Superior de Agronomia e Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa) e Doutor pela Universidade de Lisboa, com tese sobre as mudanças climáticas. Foi jornalista, professor de Química e Botânica na Universidade Lúrio (Moçambique) e técnico da Liga para a Proteção da Natureza. Ativista do movimento "Climáximo", investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, no doutoramento em Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável, autor dos livros *Que Se Lixe a Troika* (2013) e *Manual de Combate às Alterações Climáticas* (2018).

condutores destas crises podem ser encontrados na força motriz da destruição social e ambiental: o capitalismo.

A crise do capitalismo que vivemos hoje é conjuntural, uma espécie de ensaio geral para o colapso civilizacional associado à degradação das condições ambientais e materiais criada por este sistema de produção e distribuição baseado na acumulação de capital pelo roubo de mais-valia do Trabalho, extracção, destruição e degradação dos recursos da Natureza. Sendo a actual crise do capitalismo conjuntural, é a sua versão neoliberal que atravessa neste momento a crise orgânica e final: as instituições do capitalismo global, sejam a finança, as multinacionais, os governos que gerem as suas secções nacionais e os seus partidos políticos, estão tão desprestigiados quanto os resultados da sua governação e planificação económica. Aquilo que têm para mostrar é austeridade, degradação social e moral sem precedentes e destruição ambiental sem paralelo na história da nossa espécie. Defendem isto apregoando crescimento económico, apregoando PIB e consumo supérfluo, aplaudindo mesmo quando a destruição do que não tem valor "gera" "capital". Constroem o seu sucesso sobre montanhas de ossos e cinzas.

A desglobalização não é uma coisa que acontecerá no futuro, é algo que já está aqui. A desglobalização social é feita de cima para baixo e já tem os seus comandantes políticos: Trump, Bolsonaro, Duterte. A ascensão do nacionalismo (que é defendida por uma boa parte dos capitalismos nacionais) é a primeira parte desta desglobalização, embora seja mais óbvia nos assuntos que impactam a Humanidade e o seu futuro – como alterações climáticas, direitos humanos ou pandemias – e só depois nos assuntos que impactam a burguesia capitalista internacional, como o comércio e a financeirização. A desglobalização económica, antítese do capitalismo, será construída pela destruição ambiental, sob a forma de catástrofes naturais e sob a forma de pandemias.

Com a crise do coronavírus, precipita-se outra fase da desglobalização e da crise orgânica do capitalismo neoliberal: a ascensão da imprescindibilidade dos serviços públicos, o resgate das economias inteiras, o colapso de boa parte da economia inútil, das rendas e dos juros, das transacções financeiras, do turismo de massas, da importação e exportação sem outra orientação que a obtenção de lucros. Sectores inteiros da economia capitalista não se levantarão na próxima década. Muita economia essencial será também afectada pelos fios que se

foram cosendo para colar o imprescindível à pesada âncora do capital. A janela de possibilidades para a hipótese de repetir a receita da austeridade das últimas crises fecha-se: não há credor quando toda a economia colapsa e não haverá economia sem rendimento. O desemprego em massa tenderá a ressuscitar mais uma bolsa de oxigénio para o capitalismo, agora de cara lavada. A estimulação do consumo e as medidas monetárias serão glorificadas, com um rendimento básico incondicional – pago directamente através de papel impresso num banco – ou através do subsídio directo às contas básicas – casa, água, luz, comida – dado através de papel impresso num banco.

Haverá helicópteros de dinheiro, bazucas de dinheiro, e todo ele será queimado na fogueira da especulação, do açambarcamento, do oportunismo, pois é essa mesmo a característica principal do capitalismo. Os abutres especuladores rondam por todo o lado, avançando sobre os sectores em apuros para sugar as últimas pulsações e seguirão para o investimento nos fundos públicos, desfalcarão o que puderem, roubarão tudo o que estiver à mão.

Ouvem-se já capitalistas a pedir dinheiro

Aqueles que há pouco cuspiam até em noções modestas como Estado Social estendem a mão e pedem que a mão visível do Estado lhes continue a entregar os produtos do trabalho criado por outrem. Já se pede o fim das quarentenas, que se deixe morrer algumas pessoas porque a "economia" tem de voltar a correr. Os mais inequívocos correm a tentar patentear eventuais curas desta pandemia e quadruplicam o custo dos produtos médicos essenciais. Os fogachos de beneficência passam com o arrastar das semanas, mas são pouco mais do que o dinheiro que antes gastavam em propaganda. A sua beneficência é, como sempre foi, propaganda.

Os governos de hoje não sabem o que fazer. Colocam-se portanto numa posição entre capital e social, uns oscilando para um lado, outros para outros. Na capital do capitalismo, Donald Trump promete salvar todos os empresários enquanto deixa as empresas de saúde privadas decidirem quem vive e quem morre, enquanto as filas dos supermercados são mais pequenas do que as filas para comprar armas e balas. No coração do capitalismo industrial da Europa, Angela Merkel promete adquirir e exercer controlo sobre sectores-chave

da economia, enquanto o seu delfim Macron fala de nacionalizações. Quando terminar a fase aguda da pandemia tudo farão para regressar à "normalidade", devolvendo às mãos da burguesia capitalista os comandos da economia para a planificarem ao bel-prazer dos seus lucros. A normalidade a que aspiram é o colapso climático e será esse o rumo de qualquer recuperação pós-coronavírus comandada por estes governos.

Se não existisse crise climática, a epidemia do coronavírus seria o principal evento global das nossas vidas. Mas como existe crise climática, não é. Vivemos já numa nova realidade da Humanidade, a tendência global avassaladora de um novo ambiente que cuspirá para fora do prato a globalização, o positivismo e o capitalismo. A questão é uma e uma só: será a Humanidade cuspida com elas ou procurará uma inteligência colectiva que substitua uma realidade ambiental e social criada pelo sistema capitalista para criar estratificação, para promover estratificação, para ossificar estratificação e justificá-la teoricamente, através de falácias lógicas e mentiras históricas, através do apagamento de povos, culturas, géneros e alternativas?

A necessidade de um mercado em constante expansão para os seus produtos levou o capitalismo a todas latitudes, a todos os ecossistemas, a toda a superfície do globo. O capitalismo tem de repousar em todo o lado, instalar-se em todo o lado, estabelecer conexões em todo o lado. Destruir em todo o lado. É uma teoria que colide com a realidade. Não, não há crescimento infinito num sistema finito como o planeta Terra. Atingimos vários limites biogeo.-físicos nas últimas décadas e com isso já destruímos algo de que usufruímos sem qualquer esforço durante os últimos 12 mil anos: um clima estável que nos permitiu, depois de quase 300 mil anos de caça-recoleção e pequenos números, instalar-nos em muito mais territórios do que antes, planear alimento para vários anos, sermos muito mais, vivermos juntos, discutir juntos, aprender colectivamente, desenvolver escrita, música, literatura, pintura, teatro, civilização. Esta destruição é o legado que o capitalismo deixa à Humanidade. Podemos impedir que o seu legado à Humanidade seja também a extinção da civilização. Como?

O ecossocialismo é um movimento político pelo futuro, baseado na salvaguarda dos equilíbrios ecológicos, na preservação de ambientes saudáveis, na defesa de quem trabalha e na recusa do modo de produção

capitalista. É uma corrente de acção ambiental e climática baseada em análise marxista crítica da fixação com a mercadoria e com a ascensão do valor de troca, da lógica do mercado e do lucro e da recusa do autoritarismo burocrático das experiências do "socialismo real". É um movimento político que propõe a primazia dos valores de uso, da satisfação das necessidades reais, da igualdade social, da salvaguarda e recuperação da natureza e dos meios naturais, que afirma inequivocamente a economia como um subsistema do meio ambiente.

Voltamos a Marx: "O Trabalho não é a fonte de toda a riqueza. A Natureza é tanto uma fonte de valores de uso (e é seguramente nestes que consiste a riqueza material!) quanto o trabalho, que é ele mesmo a manifestação de uma força da natureza, o trabalho humano." Os ecossocialistas recusam a ecologia de mercado e o socialismo baseado nas mercadorias e no valor de troca como orientações.

Uma sociedade ecossocialista basear-se-á na racionalidade ecológica, na propriedade colectiva dos meios de produção, no planeamento democrático da produção para a definição dos investimentos e dos objectivos produtivos com vista à satisfação das verdadeiras necessidades da Humanidade. A solução não é uma limitação "geral do consumo", mas sim uma

mudança do consumo, da ostentação, do desperdício, da alienação e da acumulação que prevalecem na ordem capitalista. Neste sentido, as reformas são insuficientes, porque não conseguem substituir a prioridade dada ao lucro pela necessidade de colocar o social e o ecológico na frente. Para isso é preciso mudar a História, para isso é preciso uma, muitas revoluções.

Naturalmente surgirão muitos problemas com a planificação e a transição: tensões, contradições e estruturas de poder que tentarão dominar o processo democrático, mas essa é a natureza da democracia, não nos dá garantias de segurança. Os mecanismos do mercado e a ditadura tecnocrata, por outro lado, dão-nos a garantia da destruição.

O futuro de quem trabalha é essencial no ecossocialismo, mas não cremos na visão positivista da magia tecnológica para resolver a destruição ambiental ou na visão da ditadura ecológica autoritária. Para resolver o problema do emprego, tem de haver a divisão definitiva das noções de desenvolvimento e crescimento. Para isso, é necessário acabar com os terríveis desperdícios do capitalismo, baseados na produção de coisas inúteis, acabar com artifícios como a obsolescência programa, e focar o trabalho nas verdadeiras necessidades do povo: água, comida, roupa, habitação, transporte, um

ambiente saudável. Para fazer as necessidades assentarem na realidade, a publicidade comercial deve ser suprimida e substituída pela informação e discussão. Temos de finalmente substituir o "ter" pelo "ser", trabalhando muito menos horas e procurando a satisfação pessoal através de actividades culturais, desportivas, artísticas, eróticas e políticas, ao invés de termos como ambição compulsiva a acumulação de objectos mortos e propriedade.

Acabada esta pandemia, será colocada à frente dos povos de todo o mundo uma de duas inevitabilidades: Hayek ou Keynes, economia da crueldade social e ambiental absoluta ou economia da destruição ambiental absoluta. Nenhuma delas resolverá a crise ambiental e a crise climática. Nenhuma delas é inevitável, mas por omissão serão o plano de sempre que os dirigentes do capitalismo global e dos capitalismos nacionais colocarão em marcha. O regresso à normalidade é o regresso ao caminho do colapso. Não pode acontecer. A crise orgânica do capitalismo neoliberal tem de ser transformada na crise final do capitalismo e isso não ocorrerá por omissão, somente por acção.

É altura de, frente a todo o mundo, as e os ecossocialistas anunciarem uma nova visão do mundo, dos seus objectivos e das suas estratégias para oferecer um futuro à Huma-

nidade, derrotando a miséria histórica, moral e biológica do capitalismo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Notas para a Leitura de *Economia dos Conflitos Sociais* (da segunda edição), de João Bernardo**.** *Economia dos Conflitos Sociais*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ACSELRAD, H. *Conflitos Ambientais no Brasil.* Rio de Janeiro: RELUME-DUMARÁ/Fundação Heinrich Böll, 2004.

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. *O QUE É JUSTICA AMBIENTAL*. Rio de Janeiro: GARAMOND, 2009.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A DESORDEM MUNDIAL:* O espectro da total dominação. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

____. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. 4ª edição, [50 anos da primeira edição]. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BASSETS, Lluís. *In. El País*, Espanha, 04 abr. 2020. Disponível em:

<https://elpais.com/elpais/2020/04/01/opinion/1585753889_335209.html>. Acesso em:

30/05/2020.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

____. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BECK, Ulrich. *A EUROPA ALEMÃ: A crise do euro e as novas perspectiva de poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

BELL, José; LÓPEZ, Dalia Luisa; CARAM, Tania. *Documentos de la revolución cubana, 1959*. Havana: Ciencias Sociales, 2006.

BENZA, G.; KESSLER, D. *La "Nueva" estructura social de América Latina: cambios y persistencias después de la ola de gobiernos progresistas*. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2020 [EPUB].

BERNARDO, João**.** *Economia dos Conflitos Sociais*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BLOOMBERG. Ricos querem fugir para Nova Zelândia diante do coronavírus. *In.: Jornal de Negócios*, Portugal 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.must.jornaldenegocios.pt/viver/detalhe/tinhamos-mesmo-de-ir-os-planos-dos-ricos-para-fugir-ao-novo-coronavirus>. Acesso em: 04/05/2020.

BOLSONARO: 'Depois da facada, não é uma gripezinha que vai me derrubar'. In.: *Youtube*. 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ts2ClqnHKWA,a>. Acesso em: 24/04/2020.

BORON, Atilio. Trump y la apoteose de la barbárie. *ALAI* (América Latina em movimento). Disponível em: <www.alai.org>. Acesso em: 14/01/2020.

BOURDIEU, Pierre. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: edições 70, 2002.

BRASIL247. Comunismo ou lei da Selva", proclama o filósofo Slavoj Zizek. In.: *Brasil247*, 16 mar 2020. Disponível em: <https://www.brasil247.com/ideias/comunismo-ou-lei-da-selva-proclama-o-filosofo-slavoj-zizek>. Acesso em: 21/03/2020.

CAMARGO, João. *Manual de combate às alterações climáticas*. Lisboa: Parfisal, 2018.

____. A crise climática é uma crise política. *In.*: *Climáximo*, Portugal, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://www.climaximo.pt/2019/12/10/a-crise-climatica-e-uma-crise-politica-joao-camargo/>. Acesso em: 02/05/2020.

CAMARGO, João.; BARCENA, Iñaki Barcena.; SOARES, Pedro M. Soares.; SCHMIDT, Luísa Schmidt.; & ANDALUZ, Javier Andaluz. Mind the climate policy gaps: climate change publicpolicy and reality in Portugal, Spain and Morocco. *In*: *Climatic Change*, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10584-019-02646-9>. Acesso em: 02/05/2020.

CARTA, Capital. Hungria se aproxima de ditadura ao dar poderes especiais a Orban. *In.*: *Carta Capital*, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/hungria-se-aproxima-de-ditadura-ao-dar-podereses peciais-a-orban/>. Acesso em: 30/03/2020.

CASTRO, Álvaro Javier Fernandez. *A construção da infância Wayúu vítima em Guajira (Colômbia):* o discurso colonial que justifica o extrativismo. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental), Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2017. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011536.pdf>. Acesso em: 02/05/2020.

CHOMSKY, N. *MIDIA – Propaganda política e manipulação*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

____. *¿Quién Domina el Mundo?* Ediciones BSA/Barcelona, 2016.

____. *História da revolução cubana.* Trad. Guilherme Miranda. Veneta: São Paulo, 2015.

____. *Réquiem para o sonho americano – os 10 princípios de concentração de riqueza & poder*. 3ª ed. Rio de Janeiro: BERTRAND Brasil, 2018.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo.* São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, Florestan. *Que tipo de república?* 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

____. *PENSAMENTO e AÇÃO – O PT e os rumos do socialismo.* São Paulo: Brasiliense, 1989.

FERNANDES, Florestan. *A Política de exclusão.* IN: BUFFA, Esther e NOSELLA, Pablo. *A Educação Negada: introdução ao estudo da educação contemporânea.* São Paulo: Cortez, 1991.

FIORI, José Luiz.; & NOZAKI, William. Conspiração e corrupção: uma hipótese provável. *In.: Jornal GGN*, 25 jul. 2019. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/artigos/conspiracao

-e-corrupcao-uma-hipotese-provavel-por-jose-luis-fiori-e-william-nozaki/>. Acesso em: 23/04/2020.

FONTANA, Josep. La lógica del campo de concentración. In.: *Sinpermiso,* 19 jul. 2015. Disponível em: <https://www.sinpermiso.info/textos/la-lgica-del-campo-de-concentracin>. Acesso em: 28/04/2020.

FURTADO, Celso. *Os ares do mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 154.

____. *Em busca de novo modelo*: Reflexões sobre a crise contemporânea. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P.; GADOTTI, M.; GUIMARAES. *Pedagogia: Dialogo e Conflito.* 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

FREITAS, I. *Guerra Hibrida contra o Brasil.* Porto Alegre/Liqjdbook, 2019.

GARCIA, G. I. *Las Sombras de la Modernidad. La crítica de Henri Lefebvre a la cotidianidad moderna.* Costa Rica: ARLEKIN, 2001.

GARCIA, G. I. *La ciudad entre el derecho y la mercancia. Revista de Filosofia*, Universidade Costa Rica, 2014.

GIMENO, Juan A. La Bolsa o La Vida. *In.*: *El País,* Espanha, 24 de março de 2020, Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2020/04/22/opinion/1587541095_659906.html?prm>. Acesso em: 25/04/2020.

GRAEBER, David. *Trabajos de mierda. Una teoría.* Espanha: Ariel, 2015.

GRZYBOWSKI, Cândido. Mudar mentalidades e práticas: um imperativo. *In.: Le Mond Diplomatic Brasil*, Dossiê 4, 30 mai. 2011. [Impresso].

HALIMI, Serge. *Os Novos Cães de Guarda.* Portugal/Oiras: CELTA editora, 1998.

HESS, Remi. *Produzir sua obra. O momento da tese.* Brasília: Liberlivro, 2005.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna.* Petrópolis: Loyola, 1991.

HARVEY, David. Capitalism Is Not the Solution to Urban America's Problems — Capitalism Itself Is the Problem. In: *JACOMINMAG*, março de 2020a. Disponível em:

<https://jacobinmag.com/2020/06/david-harvey-cities-capital-labor-crisis>. Acesso: 02/04/2020.

HARVEY, David. *RAZONES PARA SER ANTICAPITALISTA.* Buenos Aires/Argentina: CLACSO/TNI, 2020b [Tradução de Paula Vasile, livro digital].

KORYBKO, A. *Guerras Hibridas – das revoluções coloridas aos golpes.* São Paulo: Expressão popular, 2018.

LANDER, Edgardo. Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocêntricos. *In*: LANDER, Edgardo. *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciências sociales. Perspectivas latino-americanas.* Buenos Aires: CLACO/CICCUS/UNESCO, 2011.

____. *CRISIS CIVILIZATORIA: experiencias de los gobiernos progresistas y debate en la izquierda latino-americana.* Guadalajara/Jalisco: Editora de la Universidad de Guadalajara, 2019. [Livro virtual].

LATOUR, Bruno. *Dónde aterrizar:* cómo orientarse en política. Madrid: Penguin/Taurus, 2019a [França, 2017, La Découverte editions].

LATOUR, Bruno [entrevista a Marc Bassets]: "El sentimiento de perder el mundo, ahora, es colectivo". *In.*: *El País*, Espanha, 31 mar. 2019b. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2019/03/29/ideas/1553888812_652680.html>. Acesso em: 24/04/2020.

LEFEBVRE, Henri. *A produção e a re-produção das relações sociais de produção*. SCORPIÃO: Portugal, 1973.

____. *La Survie du Capitalisme – la reproduction des rapports de production*. 3. Ed. Paris: Anthopos/Economica, 2002.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Espanha: Capitão Swing, 2019.

MACHADO, Carlos. RS. *As vicissitudes da construção da qualidade do ensino na política pública de educação no município de Porto Alegre*, de 1989 a 1996. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1999.

____. *Estado, política e gestão na/da educação em Porto Alegre (1989-2004): avanços e limites na produção da democracia sem fim*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2005. (Livro em 2018, editora CRV, Curitiba)

____. KARL MARX: As Naturezas e suas Relações Educativas. *Revista AMBIENTE & EDUCAÇÃO,* v. 23, n.3, p. -128-158, 2018a. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/ambeduc.v23i3.8643>. Acesso em: 03/05/2020.

____. Karl Marx e as três naturezas. In.: FERNANDEZ, Edgardo R. Romero. *Bicentenário de Karl Marx: debates y legados*. Santa Clara/Cuba: Editorial Feijó, 2018b.

____. Las Huelgas Climáticas e a Injustiça Ambiental, trabalho apresentado Carlos RS Machado, no *X Congreso de la Red Latinoamericana de Ciencias Ambientales*: entre 4-6 de marzo 2020, no CENTRO REGIONAL ESTE (Maldonado), Uruguai. Disponível em:: <http://www.cure.edu.uy/?q=node/1764>. Acesso em: 29/05/2020.

____. *Projeto de Pesquisa – 2020-2024: O vivido, o concebido e u-topia da e na cidade: Reflexões sobre política, natureza e cidade,* (titulado provisório) 22 maio de 2020.

____. Giroecoterritorial e conflictos sociombientales: reflexiones teóricas para el estúdio de las mobilizaciones en contra Aratirí y el Puerto de Águas Profundas (Rocha). In: *III Congreso Uruguayo de Sociología*, Montevideo, Facultad de Ciencias Sociales Universidad de la República, 2015. v. 3. p. 1-9.

MACHADO, C. RS; SANTOS, C.; ARAUJO, C.; PASSOS, W. V. (org.). *Conflitos ambientais e urbanos – debates, lutas e desafios.* Porto Alegre: Evangraf, 2013. v.1, 280 p.

MACHADO; Carlos RS et al. *NATUREZA, CONFLITOS E INJUSTICA AMBIENTAL: desenvolvimento, sustentabilidade e educação ambiental na produção da hegemonia capitalista no extremo sul do Brasil e Uruguai*, [Projeto de pesquisa CNPq 2014-2017], Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, 2014.

MACHADO, C. RS; MORAES, B. O conflito como momento de ruptura da hegemonia: reflexões e contribuições a partir de Henri Lefebvre. *IV EICS: Espaços Públicos, Identidade e Diferenças,* 19 nov. 2014, Universidade Federal do Pelotas (Brasil).

MACHADO, C. RS; VARELA, Lylieth. El proceso educativo en los/de los conflictos sócio-ambientais: la emergencia de los atores socio ambientales en Uruguay. In: *Reunión de Antropología del Mercosur (RAM),* Montevideo. 2015. v. 1. p. 1-18.

MACHADO, C. RS; MASCARELLO, M. A.; SANTOS, C. F. (Org.). *Conflitos Ambientais e Urbanos: casos do extremo sul do Brasil.* 1. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2015. v. 2. 216p.

MACHADO, Carlos RS; MOARES, Bruno Emilio. Os conflitos como momento de ruptura da hegemonia: Contribuições à sociologia e à educação ambiental a partir de Henri Lefebvre. *Revista NORUS*, UFPel, n. 4, 2016, Disponível em:<http://dx.doi.org/10.15210/norus.v4i6.9246> . Acesso em: 02/05/2020.

MACHADO, C. RS; MACHADO, T. F. O lobo (o opressor) em pele de cordeiro entre nós (os desiguais e diferentes): Os conflitos em Paulo Freire como contribuição aos processos educativos e produtivos. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, [S.l.], p. 60-78, jun. 2017. ISSN 1517-1256. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6893>. Acesso em: 22/05/2020.

MACHADO, C. RS; MACHADO, T. F. OS CONFLITOS E A PRODUÇÃO SOLIDÁRIA COMO MOMENTOS EDUCATIVOS: REFLEXÕES PARA UMA TEORIA DA AÇÃO DOS OPRIMIDOS. Trabalho apresentado no evento *Paulo Freire Fórum de leituras*, maio de 2018, na Universidade Vale dos Sinos (UNISINOS), GT5, Paulo Freire e os Movimentos sociais. Disponível em:

<http://www.unisinos.br/eventos/xx-forum-de-estudos-leituras-de-paulo-freire-tema-legado-e-presenca-ex123429-00001>. Acesso em: 04/04/2020.

MACHADO, Carlos RS; SANTOS, Caio Floriano dos; BARCELLOS, Sérgio Botton (ORG). *CONFLITOS AMBIENTAIS E URBANOS:* Pesquisas e Resistências no Brasil e Uruguai. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. [ebook].

MACHADO, Carlos RS; RODRIGUES, Horácio. A nova razão do mundo: neoliberalismo fascista e fundamentalista. *In.*: *III Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social:* Populismos e Democracias, 27 a 29 maio 2019, UFPel, Pelotas. (Trabalho apresentado).

MACHADO, Carlos RS; GARCIA, Raissa Silveira.; SANTOS, Ana Carolina Moura. A natureza, os conflitos urbanos e ambientais e a educação ambiental: reflexões desde o Observatório do extremo sul do Brasil. *In.: Encontro Humanístico Multidisciplinar.* Jaguarão: Universidade Federal do Pampa, 2019.

MACHADO, T. F. *EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: Análise de teses e dissertações produzidas entre 2006 e 2014*. Dissertação de Mestrado. 2017. Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MACHADO, T. F.; TORTELLI, G. L. K. Apropriação da riqueza do trabalho e da natureza pelo capital no Brasil: reflexões a partir de Karl Marx e Florestan Fernandes. *AMBIENTE & EDUCAÇÃO: REVISTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL,* v. 23, p. 1-401, 2018. https://doi.org/10.14295/ambeduc.v23i3.8646

MANFRINATE, Rosana; SATO, Michele e PAZOS, Araceli Serante. Entrelaçamentos entre justiça climática e educação ambiental: diálogos com mulheres de comunidades tradicionais do Mato Grosso e Galícia. *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*, Ahead of Print, 2019 DOI: http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.2019-14592. Acesso em: 21 abr. 2020.

MARINI, Rui Mauro. A luta pela democracia. *Cadernos de Pensamento crítico latino-americano.* São Paulo: CLACSO/Expressão POPULAR. 2008.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857 – 1858: esboços da crítica da economia política*. Capítulo III, segunda seção (o processo de circulação do capital. São Paulo e Rio de Janeiro/ Boitempo/UFRJ, 2011. [Parte intitulada: capital fixo e desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, p.578-596].

MILANOVIC, Branko.? És China realmente capitalista? *In.: El Pais*, Espanha, 14 mar. 2020. (Entrevista). Disponível em: <https://elpais.com/ideas/2020-04-14/es-china-realmente-comunista.html>. Acesso em: 24/04/2020.

MONTEIRO, Hugo. A nova década: Como tornar o capitalismo sustentável? *Revista Expresso*, Portugal, 11 janeiro 2020 (reportagem especial GLOBAL 2030. Disponível em: <https://expresso.pt/economia/2020-01-11-A-nova-decada-Como-tornar-o-capitalismo-sustentavel->. Acesso em: 27/05/2020.

MOROZOV, E. *BIG TECH – A ascensão dos dados e a morte da política.* São Paulo: UBU editora 2018.

NASCIMENTO, C. *A Autogestão Comunal.* Marilia: Lutas Anticapital. 2019a.

____. *Do Beco dos Sapos aos Canaviais de Catende – Os ciclos de Lutas pelo socialismo auto gestionário.* Marilia: Lutas Anticapital, 2019b.

OLIVEIRA, Cleiton Luiz Freitas de. *No meio do caminho tinha uma escola:* a injustiça ambiental decorrente da duplicação da BR-39). 2016. 141f. Dissertação (Mestrado, em Educação Ambiental), Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, 2016. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011303.pdf>. Acesso em: 04/05/2020.

PASSOS, W.; MACHADO, C. RS. *A ESTÉTICA NEOLIBERAL DA NOVA RAZÃO DO MUNDO CAPITALISTA*: educando o indivíduo competitivo. Revista Espaço do Currículo, v. 3, p. 453-469, 2018.

PASSOS, Wagner Valente dos. *Revolução Estética e Educação Ambiental: uma proposta de oposição fetichismo, à alienação e à ideologia capitalista.* 145, 2019, 192f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental), Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, 2019.

PIEPER, D.; MACHADO, C. RS. *A* Universidade na crise da modernidade: contribuições de Boaventura de Sousa Santos à transição paradigmática. Trabalho apresentado *EDEA (FURG/PPGEA, 2019)*, [No prelo, 2020].

PUCCINELLI, Vinícius Ramos. *Educação ambiental e o participativismo autoritário da preservação*: o caso da estação ecológica do Taim e a ecologização dos moradores da vila da Capilha. 2016. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2016. Disponível em:

<https://argo.furg.br/?BDTD11108>. Acesso em: 04/05/2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação social [p.73-117]. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paulo (org.) *EPISTEMOLOGIAS DO SUL - conhecimentos e instituições.* Coimbra: ALMEDINA/CES, 2009.

____. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. In: *Anuário Mariateguiano Lima*: Amauta, v. 9, n. 9, 1997 [também em LANDER, Edgardo (compilador). *La colonialid del saber: eurocentrismo y ciências sociales.* 2ª ed. Buenos Aires: Fundación de Integración, Comunicación, Cultura e Sociedad – CICCUS; Clacso, 2011. [p.219-264].

____. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. *La colonialidad del saber:* eurocentrismo y ciências sociales. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACO/CICCUS/UNESCO, 2011.

RAMONET, Ignacio. *La Pandemia y el Sistema-Mundo.* Le Monde Diplomatic, Paris, 2020.

REBELLATO, J. L. Práctica Social: la incidência del conflitcto, *Revista Trabajo Social*, n.1, marzo de 1986, Editorial EPPAL, p.52-63.IN: *José Luis Rebellato, intelectual radical* (selección de textos).

(Compiladores), Alicia Brebes, Maite Burgueño, Alejando casas y Edgardo Pérez. Montevideo: UDELAR/Extensión/Nordan/EPPPAL, 2009. Disponível em:

<https://www.extension.udelar.edu.uy/wp-content/uploads/2017/11/Jose%CC%81-Luis-Rebellato-intelectual-radical.pdf>. Acesso em: 25/05/2020.

RODRIGUES, H. R. S.; COSTA, J. R.; MACHADO, C. RS. *As ocupações de 2016 na cidade do Rio Grande/RS/Brasil: uma ferramenta de luta pela Justiça Social e Socioambiental. Revista PRAXIS EDUCARE 6* - OUTUBRO 2019, Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social/Portugal. [www.aptses.pt].

RUSHKOFF, Douglas. Os ultras ricos preparam um mundo pós-humano. *In.*: *Outras Palavras.* Publicado em 19 nov. 2018 e atualizado em 24 dez. 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/os-ultra-ricos-preparam-um-mundo-pos-humano/>. Acesso em: 04/05/2020.

SALLES, Leila. *Mulheres, Educação Ambiental e as lutas por justiça ambiental na Baixada Fluminense (RJ).* 2017. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental), Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2017. Disponível em: <http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php/mestrado/disserta%C3%A7%C3%B5es/86-dezessete/1042-leila-salles-da-costa.html>. Acesso em: 04/05/2020.

SANTOS, Ana Carolina FB moura. (IN) JUSTICA CLIMÁTICA – a relação entre o ser humano e o meio ambiente. *In.*: XI Encontro Diálogos com a Educação Ambiental – EDEA**.** Universidade Federal do Rio Grande – FURG/PPGEA, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma pedagogia do conflito. IN: SILVA, Luiz Heron; Azevedo, José Clóvis; Dos Santos, Edmilson Santos (org.). *Novos mapas culturais, Novas perspectivas educacionais.* Porto Alegre: SMED/Editora Sulina, 1996.

____. *O FIM DO IMPERIO COGNITIVO – a afirmação das epistemologias do sul.* Belo Horizonte: AUTENTICA, 2019.

____. *A cruel pedagogia do vírus.* Coimbra: Almedina, abril de 2020.

SANTOS, C. F.; GONÇALVES, L. D.; MACHADO, C. RS. Educação ambiental para justiça ambiental: dando mais uns passos. *In: Revista REMEA*. Disponível em: <http://www.seerfurg.br/remea/article/view/5016>. Acesso em: 15/09/2015.

SANTOS, Caio Floriano. *O porto e a desigualdade ambiental em Rio Grande (RS/Brasil)*: A educação ambiental na gestão "empresarial dos riscos sociais" e "social do território". 2016. 257f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental), Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2016. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011302.pdf>. Acesso em: 04/05/2020.

SANTOS, C.; TAKS, J.; THIMMEL, S. y GROSSE, R. (compiladores). *Las canillas abiertas de América Latina III. El agua como bien común y derecho humano. Luchas y desafíos a 10 años del Plebiscito del Agua en Uruguay*. Edición: Casa Bertolt Brecht: Montevideo, Uruguay, 2014.

SASSEN, Saskia. *Expulsiones: brutalidade y Complejidad em la economia global.* Buenos Aires/Madrid: Katz editores, 2015.

____. Los nuevos depredadores. *In.: El País,* Espanha, Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2019/01/12/opinion/1547312065_523014.html>. Acesso em: 24/02/2020.

SCHWAB, Klaus *et al. Moldando a quarta revolução industrial.* Portugal: Público/Levoir, 2019. [traduzida por Rui Candeias para o Jornal Público, 2018).

SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Juremir Machado. *1964 – Golpe midiático-civil-militar.* Porto Alegre: Sulina, 2014.

SKOCPOL, Theda. *Estados e revoluções sociais:* análises comparativas da França, Rússia e China. Viseu: Editorial Presença, 1985.

SNOWDEN, E. *Eterna Vigilância – como montei e desvendei o maior sistema de espionagem do mundo.* São Paulo: Planeta do Brasil, 2019;

SOROMENHO-MARQUES, Viriato. *DEPOIS DA QUEDA: A União europeia entre o reerguer e a fragmentação.* Lisboa: Circulo dos Leitores, 2019.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato. Quatro décadas na grande aceleração. *In.: Jornal das Letras (Ideias),* Portugal, 11 mar. 2020a. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/jornaldeletras/ideiasjl/2020-03-11-quatro-decadas-na-grandeaceleracao/>. Acesso em: 28/03/2020.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato. Por uma nova "habitação da Terra". *In.*: *Jornal das Letras (Ideias)*, Portugal, 25 mar. 2020b. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/jornaldeletras/ideiasjl/2020-03-25-por-uma-nova-habitacao-da-terra/>. Acesso em: 28/03/2020.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso – da escravidão à lava jato.* Rio de janeiro: Leya, 2017.

STOER, S. O ESTADO E AS POLÍTICAS EDUCATIVAS: uma proposta de mandato renovado para a Escola Democrática. In: STEPHEN R. STOER – Textos escolhidos. *Revista EDUCAÇÃO, SOCIEDADE & CULTURAS,* N.26, 2008, 149-173. Publicado em Revista Ciências Sociais [1994].

STOER, S.; MAGALHÃES, A. Contributos para a reconfiguração da educação inter/multicultural. In: *A diferença somos nós – A Gestão da Mudança Social e as Políticas Educativas e Sociais.* Porto: Afrontamento, 2005. P.136-142.

STREECK, Wolfgang. *Tempo Comprado:* a crise do capitalismo democrático. Portugal: Actual Editora, 2013.

SVAMPA, M. Consenso das Commodities, giro ecoterritorial y pensamiento crítico em América Latina. *Revista OSAL – Observatorio Social de América Latina*, 2012, 32, CLACSO, p.15-38.

____. *DEBATES LATINO AMERICANOS – indianismo, desarrollo, dependencia y populismo.* Argentina: Ensayo EDHASA, 2016. [cap.2, Debates sobre el desarrollo, p.367-401].

TAVARES, Flavio. *1964: O Golpe.* Porto Alegre: LP&M, 2014.

TAVARES, João Miguel. "Não, não é uma gripe. e não, não é o fim do mundo', *Jornal Público* [Portugal], 18 abril 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/18/opiniao/opiniao/nao-nao-gripe-nao-nao-fim-mundo-1912767>. Acesso em: 26/05/2020.

TRINDADE, Hélgio. *A tentação fascista no Brasil – imaginario de dirigentes e militantes integralistas.* Porto Alegre; UFRGS, 2016a.

____. *INTEGRALISMO – O fascismo Brasileiro na década de 1930.* 3ª edição. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016b.

VASQUEZ, Julio A. Diaz.; FLORIDO, Eduardo Regalado. *China el Despertar del Dragón.* Havana: Ciencias Sociales, 2007.

VISENTINI, Paulo Gilberto Fagundes et.al. *Revoluções e Regimes Marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional.* Porto Alegre: Leituras XXI/UFRGS - Nerint, 2013.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Utopística ou Decisões Históricas do Século Vinte e Um.* Petropólis:Vozes, 1998.

____. *O declínio do poder Americano.* Rio de janeiro: Contraponto, 2004.

____. *O Universalismo Europeu – a retórica do poder.* São Paulo: Boitempo, 2007.

____. Structural crises. *New Left Review*, nº 62, p. 133-142, Mar-Abr 2010.

WOLF, Martín. El nuevo desorden mundial y la fractura de occidente premoldean el 2018. *In.*: *El Cronista*, 04 jan. 2018. Disponível em: www.cronista.comhttps://www.cronista.com/financialtimes/El-nuevo-desorden-mundial-y-la-fractura-de-Occidente-premoldean-el-2018-20180104-0016.html. Acesso em: 28 abr. 2020.

ZAKARIA, Fareed.; & FERGUSON, Niall. *A ordem liberal internacional terá chegado ao fim?* Lisboa: Gradiva, 2019.

ZIBLAT, Daniel. Entrevista, *Jornal Público*, Portugal 11 abr. 2020, p.32-33. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/11/mundo/entrevista/trump-orban-destruir-democracia-1911230>. Acesso em: 25/05/2020.

ZIZEK, Slavoj. "Comunismo ou lei da Selva", proclama o filósofo Slavoj Zizek. *Brasil247*, 16 março de 2020a.

____. O encontro em Samarra: novos usos para velhas piadas. *In.: Público*, Portugal, 12 abr. 2020b. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/12/mundo/noticia/encontro-samarra-novos-usos-velhas-piadas-1911845>. Acesso em: 18/04/2020.

____. Um golpe letal no capitalismo para reinventar a sociedade. *In.*: *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 21 mar. 2020c. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597314-zizek-sobre-o-coronavirus-um-golpe-letal-no-capitalismo-para-reinventar-a-sociedade>. Acesso em: 26/03/2020.

ZHOURI, Andrea. A Re-volta da Ecologia Política", Resenha de Conflitos Ambientais no Brasil de Henri Acselrad, (org.), Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004, In: *Ambient. soc. vol.7 no.2 Campinas July/Dec. 2004*. http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2004000200015, acesso 30/06/2020.